

CENTRO INTERDENOMINACIONAL DE TEOLOGIA
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - CITERJ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

EDMILSON PEREIRA SANTANA

**PLURALISMO DENOMINACIONAL E OS RUMOS DO PROTESTANTISMO
PENTECOSTAL: UMA REFLEXÃO ACERCA DO PENTECOSTALISMO ATUAL,
NO ÂMBITO DOS MUNICÍPIOS DE SÃO GONÇALO E NITERÓI.**

Niterói
2022

EDMILSON PEREIRA SANTANA

**PLURALISMO DENOMINACIONAL E OS RUMOS DO PROTESTANTISMO
PENTECOSTAL: UMA REFLEXÃO ACERCA DO PENTECOSTALISMO ATUAL,
NO ÂMBITO DOS MUNICÍPIOS DE SÃO GONÇALO E NITERÓI.**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós
graduação, do Centro Interdenominacional Teologia
do Estado do Rio de Janeiro, para obtenção do
título de Mestre em Ciências da Religião, Área de
concentração: Fenomenologia da Religião.

Orientadora: Dra. Thais Nascimento de Araujo

Niterói
2022

EDMILSON PEREIRA SANTANA

**PLURALISMO DENOMINACIONAL E OS RUMOS DO PROTESTANTISMO
PENTECOSTAL: UMA REFLEXÃO ACERCA DO PENTECOSTALISMO ATUAL,
NO ÂMBITO DOS MUNICÍPIOS DE SÃO GONÇALO E NITERÓI.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião, pelo CITERJ, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Niterói, _____ de _____ de 2022.

Banca Examinadora:

Orientadora: Thais Nascimento de Araujo

Prof. Visitante

Prof. Convidado

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a Deus, o criador supremo de todas as coisas visíveis e invisíveis, único e verdadeiro Deus. À minha querida família, esposa e filhos, que foram privados de minha companhia, na dedicação deste trabalho. Ao seminário CITERJ, que me proporcionou esta oportunidade, amigos e irmãos em Cristo, que com incentivo e orações me apoiaram.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus Todo Poderoso, sempre, a quem devemos a existência, fôlego e sobrevivência. À minha família, ao Programa de Pós graduação do Centro Interdenominacional de Teologia do Estado do Rio de Janeiro, órgão da AECB, na qual facultou-me esta oportunidade. Aos amigos de turma deste curso e aos mestres Dra. Thais Araújo, Dr. Bernardino Santana Filho, Dr. Sergio Gil, orientadores que me ajudaram e apoiaram, muito obrigado!

EPÍGRAFE

“Porque virá tempo em que não suportarão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; E desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.”

2 Timóteo 4:3-4

RESUMO

“Pluralismo Denominacional no Brasil, o Reino de Deus e o Reino dos Homens”, à época, concluiu-se que o pluralismo denominacional brasileiro proporciona e “instiga” nas denominações, competições múltiplas em busca do aprimoramento das ofertas de bênçãos, e que denominações históricas também foram influenciadas por este fenômeno religioso. (SANTANA, 2004).

De acordo com (MENDONÇA, 1990; SANTANA, 2004) o protestantismo brasileiro, surgido há décadas, apresentava um conjunto de características, tais como: (1) protestantismo de imigração, (2) protestantismo de missão, (3) protestantismo pentecostal e (4) neopentecostal. Porém, é perceptível um novo fenômeno emergindo das denominações chamadas pentecostais, como que, nova roupagem de ser ou manifestar-se pentecostal.

Mas, averiguemos; em que se diferencia o novo fenômeno do pentecostalismo clássico de décadas anteriores? Quais seriam os segmentos e quem as celebrariam, as novas práticas pentecostais? Quais denominações os representam? Com base nesses questionamentos, buscamos analisar as práticas císticas no protestantismo pentecostal atual, considerando-se o impacto gerado pelo neopentecostalismo e as influências de religiões de matriz afro, especificamente a Umbanda, no âmbito dos municípios de São Gonçalo e Niterói. Portanto, e para tal, apresentamos um panorama histórico da introdução de denominações evangélicas no Brasil, seguido por uma explosão de igrejas neopentecostais nas últimas décadas, e bem recentemente, um novo fenômeno no protestantismo pentecostal atual – objeto de estudo nesta pesquisa.

O cenário atual evangélico aponta que têm ocorrido no Brasil uma religiosidade mesclada aos ritos, símbolos e liturgias císticas, fruto de religiões aqui encontradas, inseridas e ou nascidas nesta terra. Com a explosão do protestantismo neopentecostal, “camadas socioeconômicas evangélicas” não alcançadas ou mescladas pelo movimento, marginalizaram-se daquele pentecostalismo clássico e deram origem a uma nova vertente de protestantismo pentecostal em nossos dias.

ABSTRACTO

“Pluralismo denominacional en Brasil, el Reino de Dios y el Reino de los Hombres”, en su momento, se concluyó que el pluralismo denominacional brasileño proporciona e “instiga” en las denominaciones, múltiples concursos en busca de la mejora de las ofrendas de bendiciones, y que las denominaciones Los hechos históricos también fueron influenciados por este fenómeno religioso. (SANTANA, 2004).

Según (MENDONÇA, 1990; SANTANA, 2004) el protestantismo brasileño, surgido hace décadas, presentaba un conjunto de características, tales como: (1) protestantismo de inmigración, (2) protestantismo de misión, (3) protestantismo pentecostal y (4) protestantismo neo -De Pentecostés. Sin embargo, es perceptible un nuevo fenómeno que surge de las denominaciones llamadas pentecostales, como una nueva forma de ser o manifestarse pentecostal.

Pero, a ver; ¿En qué se diferencia el nuevo fenómeno del pentecostalismo clásico de las décadas anteriores? ¿Quiénes son estos nuevos pentecostales? ¿Qué denominaciones los representan? Con base en estas preguntas, buscamos analizar las prácticas de culto en el protestantismo pentecostal actual, considerando el impacto generado por el neopentecostalismo y las influencias de las religiones de base afro, específicamente la Umbanda, dentro de los municipios de São Gonçalo y Niterói. Por lo tanto, y con ese fin, presentamos un panorama histórico de la introducción de las denominaciones evangélicas en Brasil, seguida de una explosión de iglesias neopentecostales en las últimas décadas, y muy recientemente, un nuevo fenómeno en el protestantismo pentecostal actual -objeto de estudio en esta investigación.

El escenario evangélico actual presupone que en Brasil se viene gestando una religiosidad mezclada con ritos, símbolos y liturgias cultuales, resultado de religiones encontradas aquí, insertas y/o nacidas en esta tierra. Con la explosión del protestantismo neopentecostal, las “capas socioeconómicas evangélicas” no alcanzadas o fusionadas por el movimiento, fueron marginadas de ese pentecostalismo clásico, dando lugar a una nueva corriente de protestantismo pentecostal en nuestros días.

LISTA de ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** Roda de Umbanda - Google imagens
- Figura 2** Mapeamento dos Centros de Umbanda em Niterói-RJ
- Figura 3** Mapeamento dos Centros de Umbanda em São Gonçalo-RJ
- Figura 4** Cultos dos Movimentos Pós-Pentecostal
- Figura 5** Igrejas Pentecostais em Niterói - RJ
- Figura 6** Igrejas Pentecostais em São Gonçalo-RJ
- Gráfico 1** Idade dos Entrevistados
- Gráfico 2** Escolaridade
- Gráfico 3** Já ouviu falar do movimento reteté?
- Gráfico 4** Pentecostal x Umbanda
- Gráfico 5** Opinião quanto ao movimento?
- Gráfico 6** Embasamento bíblico?
- Gráfico 7** Conhece alguma igreja com tais práticas?
- Gráfico 8** Frequentava ou já foi visitar?
- Gráfico 9** Pregadores e Cantores com tais manifestações e práticas em cultos
- Gráfico 10** Qual Espírito?
- Gráfico 11** Enquadramento da Igreja ou Denominação
- Gráfico 12** Pentecostalismo original e nos dias de hoje
- Gráfico 13** Já ouviu falar do movimento do ré té té?
- Gráfico 14** Já fez ou faz parte?
- Gráfico 15** Impressão do Vídeo
- Gráfico 16** Qual Espírito Opera?
- Gráfico 17** Ocorrência e distribuição dos cultos?
- Gráfico 18** Regionalização dos Cultos?
- Gráfico 19** Conhece o movimento reteté?
- Gráfico 20** Você já fez parte de alguma igreja evangélica?
- Gráfico 21** Você vê similaridade no vídeo com as reuniões da Umbanda?
- Gráfico 22** Classificação dos Pentecostais
- Gráfico 23** Manifestação de que natureza?
- Gráfico 24** Atuação de Divindades ou Espíritos da Umbanda
- Gráfico 25** Rituais da Umbanda em Cultos
- Gráfico 26** Regionalização da Práticas Cúlticas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2. PLURALIDADE DENOMINACIONAL NO BRASIL	14
2.1 O RELATIVISMO CULTURAL CUSTOMIZADO	
3. PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO	18
3.1 OS NEOPENTECOSTAIS	
3.2 PRINCIPAIS LÍDERES DO MOVIMENTO	
4. O REINO DE DEUS E O REINO DOS HOMENS.....	29
4.1 O REINO DE DEUS	
4.2 O REINO E A IGREJA INVISÍVEL	
4.3 A CONEXÃO DO REINO E A IGREJA	
4.4 O REINO E A IGREJA VISÍVEL	
4.5 O REINO DOS HOMENS	
4.6 QUE REINO AS DENOMINAÇÕES PRIORIZAM	
5. UMBANDA E PENTECOSTALISMO.....	38
5.1 A ORIGEM DA UMBANDA	
5.2 UMBANDA E PENTECOSTALISMO: PONTOS DE INTERSEÇÃO	
5.3 O MOVIMENTO PÓS NEOPENTECOSTAL	
5.4 PANORAMA DOS CULTOS DA UMBANDA E DOS CULTOS PENTECOSTAIS	
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	49
6.1 PESQUISA 01, GRUPO 01	
6.2 PESQUISA 02, GRUPO 02	
6.3 PESQUISA 03, GRUPO 03	
CONCLUSÃO	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73
VIDEOS	78
ANEXOS	

1- INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda o tema “*Pluralismo Denominacional e os rumos do protestantismo pentecostal: uma reflexão acerca do pentecostalismo atual, no âmbito dos municípios de São Gonçalo e Niterói*” e traz uma série de reflexões acerca das práticas ritualísticas do pentecostalismo, bem presente nos tempos atuais.

O tema proposto é um aprofundamento da pesquisa iniciada no curso de Bacharel em Teologia do IBE, em 2004, intitulado “Pluralismo Denominacional no Brasil, o Reino de Deus e o Reino dos Homens”. À época, concluiu-se que o pluralismo denominacional brasileiro proporciona e “instiga” nas denominações, competições múltiplas em busca do aprimoramento das ofertas de bênçãos, e que denominações históricas também foram influenciadas por esse fenômeno religioso. (SANTANA, 2004).

Conforme revisto nas obras de MENDONÇA (1990) e SANTANA (2004), o protestantismo brasileiro, surgido há décadas, apresentava um conjunto de características, tais como: (1) protestantismo de imigração, (2) protestantismo de missão, (3) protestantismo pentecostal e (4) protestantismo neopentecostal. Porém, é perceptível um novo fenômeno emergindo de denominações chamadas pentecostais, como que, nova roupagem de ser ou manifestar-se pentecostal.

Em que o novo fenômeno se diferencia do pentecostalismo clássico? Calcado nesse questionamento básico, analisaremos as práticas cílticas no protestantismo pentecostal atual, no âmbito dos municípios em comento. Para tal, consideramos o movimento neopentecostal e as influências das religiões de matriz afro, especificamente a Umbanda. Inicialmente apresentamos um panorama histórico da introdução de denominações evangélicas no Brasil, seguido pela explosão de igrejas neopentecostais nas últimas décadas, e bem recentemente, o novo fenômeno no protestantismo pentecostal atual, que é o objeto de estudo aqui.

O quadro que se mostra indica uma grande mudança na forma de culto, ritos, símbolos e liturgias cílticas. As manifestações ritualísticas no protestantismo pentecostal e também nas denominações neopentecostais não se assemelham a liturgia do novo culto pós-pentecostal, aqui pesquisado. O protestantismo clássico e o neopentecostalismo marginalizou os adeptos que não se adequaram as

mudanças, originando uma nova vertente de protestantismo pentecostal em nossos dias.

Como vimos, a conclusão da pesquisa em 2004 apontou que o pluralismo denominacional brasileiro proporciona e “instiga” nas denominações, competições múltiplas, em parte, devido à busca do aprimoramento das ofertas e bônus, e que denominações históricas também foram influenciadas por este fenômeno religioso (SANTANA, 2004). Essa visão pós-moderna e secularizada contribuiu e incentivou a busca do *reino que perece*, em detrimento daquele que permanece. Como diz o mestre e salvador: [...] *Mas, buscais primeiro ao Reino de Deus...*

“Desde os primórdios da civilização humana, o governo humano aproveita-se dos bens e produtos da religião para monopolizar e apoderar-se das massas. O Reino dos Homens é o domínio dos homens no mundo”. (SANTANA, 2004)

Em contrapartida, apontamos que a Igreja de Jesus Cristo, na dimensão do reino dos homens, mas, sob domínio do reino dos céus, deve conduzir os homens a buscarem o Reino de Deus, ou seja, aquele que permanece. O elo de ligação para o reino invisível é também a igreja local.

Além disso, vimos que a oportunidade outorgada à igreja visível, que é a prática de boas obras, juntamente com a pregação da Palavra, nunca deverá ser trocada pelas oportunidades e tentações que são apresentadas neste contexto religioso multicultural, secularizado e customizado. Observou-se ainda que, grande número de denominações que emergem em solo brasileiro, não refletem um crescimento da Igreja ou do Reino de Deus por aqui. Por fim, apontou-se que a não-observância de princípios éticos e morais da fé cristã que se defende, podem ser a motivação para o surgimento de mais uma nova denominação. A realidade socioeconômica, o egoísmo e também o excesso ou abuso de autoridade por determinados líderes nas denominações “já estabelecidas”, pesam para que tais coisas aconteçam e que, em geral, as novas denominações abrem suas portas e nascem não emanadas de um cisma teológico, ou uma simples oposição amigável de dada interpretação teológica; ou ainda, uma chamada divina especial para tal.

Não obstante às abordagens acima, o pluralismo denominacional no Brasil pode ser fruto do Reino dos Homens, contudo, não está descartada a hipótese desta, contribuir para o Reino de Deus. A partir das conclusões da pesquisa anterior, frente às questões apresentadas em nosso protestantismo presente, se elucida a

necessidade de aprofundamento maior desta realidade religiosa da igreja aos pesquisadores da religião.

O tema em questão é de suma importância à pesquisa eclesiológica e especificamente às futuras consultas de alunos do seminário CITERJ, como também, demais estudantes e pesquisadores. Além disso, o tema é atual e emergente, existindo poucos registros e publicações.

Os métodos aplicados foram o da pesquisa qualitativa e quantitativa, através do levantamento de referências bibliográficas: livros, revistas, periódicos, artigos e dissertações, explorando descritivamente assuntos relacionados com a pesquisa. Foi feito o uso de imagens e vídeos do youtube, além da consulta aos acervos físicos e *online*. Os dados quantitativos foram levantados através da aplicação de questionários do tipo semiaberto. A amostra reuniu respostas de líderes e adeptos de denominações evangélicas pentecostais e tradicionais, e da umbanda, que residem nos municípios acima mencionados, onde notadamente observou-se a manifestação do fenômeno. Os participantes da pesquisa foram convidados a responder os questionários via WhatsApp e o envio foi feito para a plataforma Google, automaticamente.

O primeiro capítulo aborda o cenário da introdução das primeiras igrejas e denominações no solo brasileiro, a expansão e diversificação destas. O segundo capítulo fala dos movimentos pentecostais e o movimento neopentecostal. O terceiro capítulo trata da ideia, de concepção de Reino de Deus, da Igreja visível e Igreja local, apontado nas escrituras. O capítulo analisa ainda o reino dos homens, ou seja, as igrejas sob o governo terreno. Frente à luz destes reinos e da conjuntura eclesiológica atual, como podemos analisar as igrejas e denominações? Os movimentos recentes emanam do reino de Deus ou dos Homens? O quarto capítulo traz um panorama da religião umbandista, seu surgimento, crescimento e as semelhanças com determinados rituais litúrgicos manifestados no pentecostalismo que se observa. O quinto e último capítulo é o resultado inédito da pesquisa e aborda o que denominamos de “Pós Neopentecostalismo”. Subdivide-se nos seguintes tópicos: 1- Panorama do protestantismo pentecostal atual, no âmbito dos municípios de São Gonçalo e Niterói; 2- Panorama dos cultos da umbanda; 3- O fenômeno Pós Neopentecostal.

2. PLURALIDADE DENOMINACIONAL NO BRASIL

Resultante do movimento migratório iniciado no começo do século XVI, o “protestantismo brasileiro” é na realidade vários *protestantismos*. A eclosão do pentecostalismo tornou mais complexa este quadro nacional, estabelecendo grande número de instituições desvinculadas das igrejas ditas tradicionais. Ao contrário da tradição cristã católica, “o protestantismo que surgiu da Reforma do século XVI foi muito mais longe na variedade de tendências e instituições que gerou”(MENDONÇA, 1984)

[...] “A tradição protestante finalmente inseriu-se no Brasil no começo do século XVI. Seu primeiro impulso foi basicamente de natureza imigratória e decorreu da abertura dos portos brasileiros ao comércio inglês (1810) e do incentivo governamental à imigração europeia – particularmente alemã – poucos anos depois. Assim, nos limites da tolerância a cultos não católicos estabelecidos pela constituição de 1824, instalaram-se no Brasil anglicanos, episcopais (anglicanos norte-americanos) e, em número muito maior, luteranos. Mas a população brasileira só foi diretamente afetada pela presença de cristãos não católicos quando começaram chegar ao Brasil, nos anos de 1850, os primeiros missionários protestantes que vieram com a finalidade explícita de propagar sua fé. Esse segundo impulso responde pela inserção no país do que chamamos aqui “protestantismo missionário”. Através deles instalaram-se no Brasil a Igreja Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista e a Episcopal.”

Corroboram ao crescimento da religião que se insere no Brasil, fatos históricos, por exemplo, a questão religiosa. Para Hugo Fragoso (*apud* MENDONÇA, 1990) esta é uma expressão brasileira da grande luta entre a Igreja e o mundo liberal. Percebemos na história do Brasil essa lacuna religiosa, possibilitada por forças entre a “igreja oficial” - com suas posições - e o Estado em busca de uma religião civil aberta para a modernidade.

Neste contexto, é deixado um espaço vazio, nele, o protestantismo adentrou. Richard J. Sturz é favorável a esta lógica (*apud* FERREIRA, 1959). Os protestantes encontraram aliados e protetores entre os políticos liberais e outros segmentos. Frequentemente, missionários relatavam o apoio da maçonaria no estabelecimento de igrejas - quando permitiam pregações no interior de suas lojas – já que os missionários encontravam dificuldades para exporem suas ideologias teológicas livremente. (MENDONÇA, G. Antonio.1990).

A venda de bíblias nos primórdios e o anseio dos primeiros crentes pela alfabetização através dela, também contribuiu irrevogavelmente à evangelização protestante no Brasil.(MENDONÇA, G. Antonio.1990).

Um outro fator de grande importância que se deve ressaltar é o papel da Inglaterra, que contribuiu para o rompimento do monopólio católico-romano.

[...] A Grã-Bretanha forçou as portas da colônia portuguesa. O século XIX raiou com a derrubada do império português. Em 1805 a Inglaterra tornou-se senhora dos mares, ao destruir as armadas francesa e espanhola de uma só vez. Em 1807, Dom João VI fugiu diante dos exércitos de Napoleão que avançavam contra ele. Ele trouxe a corte de Lisboa para o Rio de Janeiro e elevou a colônia à posição de reino. No ano seguinte, a Inglaterra forçou o governo português, então no Brasil, a abrir os portos brasileiros ao comércio mundial.

Uma das cláusulas do tratado comercial, assinado com a Inglaterra em 1810, foi que Portugal permitiria a construção de casas de adoração para os estrangeiros, contanto que não tivessem a aparência de igrejas (MENDONÇA, 1990).

Deste modo, o cenário introdutório do protestantismo brasileiro é composto de episódios que contribuíram e corroboraram na compreensão do quadro contemporâneo denominacional no Brasil. O protestantismo que se insere no Brasil, como diz Mendonça (1990), são protestantismos luteranos, calvinistas, metodistas, entre outros. Neste “pano de fundo” religioso e teológico diversificado, são mesclados os ritos e mitos da nação em que este protestantismo se insere. A crença dos descendentes africanos e a “canonização” de ídolos regionais pela igreja romana servem de amostra da situação nesta introdução do protestantismo brasileiro.(SANTANA, 2004)

A expansão deste protestantismo se deu, principalmente, por intermédio dos americanos, que ao contrário dos ingleses e alemães, “sentiam-se depositários da missão divina de levar aos povos mais atrasados os benefícios do reino de Deus na terra” (BANDEIRA, 2007). O esquema de ocupação e dominação dos americanos era seguramente o mais sutil e poderoso: o cultural.

Através do protestantismo missionário, por volta de 1850, nasceram as igrejas congregacional, presbiteriana, metodista, batista e a episcopal. Dessa forma, o contexto religioso nos primórdios da evangelização no Brasil foi terreno fértil para o surgimento de novas denominações e movimentos.

2.1 O RELATIVISMO CULTURAL CUSTOMIZADO

Um dos fenômenos da geração pós-moderna é o pluralismo. Quaisquer que sejam os significados que possam atribuir ao pós-modernismo, conforme indica o

termo, sua significação está relacionada com o deslocamento para além do modernismo (GRENZ, 2008).

O pluralismo relativista da pós-modernidade procura ceder espaço à natureza “local” da verdade. Desse modo, as crenças são consideradas verdadeiras no contexto das comunidades que as defendem. As igrejas evangélicas no Brasil, por meio do pluralismo denominacional, imbuídas desse espírito pós-moderno da fé, promovem competições acirradas no mercado evangélico (CARDOSO, 2018.) Décadas antes, uma nova igreja no bairro significava mais uma força de trabalho à Seara do Mestre; hoje, uma concorrência que precisa ser combatida e eliminada.

Em tempos de marketing, várias denominações impregnam à sua imagem, logotipos caricaturais, onde missionários, pastores, bispos e “semideuses”, prontamente são identificados e reconhecidos em banners bem estampados nas fachadas dessas igrejas.

Nessa linha de raciocínio é interessante lembrar o que Lutero disse:

[...] Peço que os homens não façam qualquer referência ao meu nome, e não se chamem de luteranos, e sim de cristãos. O que é Lutero? Minha doutrina, tenho certeza, não é minha, nem fui crucificado por ninguém. Paulo, em 1 Coríntios 3 não permitiu que os cristãos se chamasse de paulinos ou petrinos mas simplesmente de cristãos. Como é então que eu, pobre carcaça fétida que sou, poderia dar aos filhos de Cristo um nome derivado do meu nome insignificante? Não, não, meus caros amigos; vamos abolir todos os nomes sectários, e chamemo-nos simplesmente de cristãos, levando o nome daquele cuja doutrina temos. Martinho Lutero (Século 16)

Enquanto os institutos de pesquisa observam o crescimento das igrejas evangélicas no Brasil, a imprensa, a Igreja católica romana e outros segmentos se manifestam e se adequam.(SANTANA, 2004). Fatores diversos ao longo da história contribuíram para a quebra do monopólio religioso no ocidente, principalmente a Reforma Protestante, e o cenário atual por aqui, é fruto deste.

A explosão das igrejas evangélicas no Brasil pode ser analisada como um fenômeno recente, mas, precisa ser compreendida à luz dos mitos e ritos, da consciência e do pensamento religioso e do pluralismo religioso aqui encontrado e corroborados por lacunas da Igreja Romana. Somam a este quadro religioso, fatores sociais, econômicos e demais quadros culturais do cenário brasileiro ao longo dos séculos.

A pluralidade religiosa atual organiza-se e adequa-se à luz da clientela de consumo dos produtos e serviços religiosos, nascida deste contexto. A este respeito Rubiel Cardoso de Souza (2018), diz:

“O pluralismo religioso gerou uma situação de mercado em que as religiões se burocratizam e passam a concorrer umas com as outras na disputa por fiéis agindo como fornecedoras de bens simbólicos, logo entram na concorrência do mercado religioso. Desta forma, surge o trânsito religioso em que os indivíduos passam a circular pelas mais diversas religiões. Uma característica deste modelo de religiosidade será a busca por experiências, pois a subjetividade e a emoção são altamente valorizadas” (SOUZA, 2018)

Amorese (2000) em seus escritos, diz que uma das características dos tempos em que vivemos é a pluralidade. As enormes oportunidades de escolha que o homem moderno tem ao seu dispor é característica desse fenômeno.

[...] A pluralidade se instala no homem moderno como uma inconsciente necessidade – ou compulsão, mesmo – de optar, alimentada pela mídia e sustentada pela sociedade de mercado. Ao mercado interessa que o indivíduo esteja sempre pronto a experimentar algo novo, a mudar, optar. Ele tem de viver em eterno estado de supermercado. A vida à sua frente tem de ser composta de prateleiras abarrotadas. E ele acha isso delicioso. Esse nosso cidadão também faz opções religiosas. Para isso também há prateleiras cheias de ofertas. (AMORESE, 2000)

As mudanças que a sociedade experimenta com a pós-modernidade, principalmente a pluralidade, afetam o comportamento dos líderes e liderados nas igrejas. Ao fenômeno, pode-se acrescentar a necessidade de inovação aos meios pelos quais se faz agregar os novos membros, fiéis e frequentadores. Deste modo, e sob influências de movimentos missionários externos, a igreja brasileira experimenta novas ondas por aqui.

3. PENTECOSTALISMO E NEOPENTECOSTALISMO

O protestantismo brasileiro é sem dúvida, em termos de número, um dos mais importantes na América Latina. Ao longo do tempo suportou severamente os problemas tipicamente brasileiros e a ridicularização sofrida pelo protestantismo antecessor. Key Auasa, um não pentecostal, brasileiro-japonês, conucedor a fundo do movimento, diz que enquanto os protestantes rejeitavam os pentecostais brasileiros por razões dogmáticas e racionalista, estes, por crerem na existência de demônios e coisas mais, se encontravam entre o mundo da magia e o mundo da fé no Espírito. Lutavam contra os espíritos com o Espírito. (HOLLENWEGER, 1976.p.146).

Foi a partir dos acontecimentos da Rua Azusa, no início do século XX, e tendo como figura exponencial o Sr. J.W. Seymour, filho de ex-escravos, que o movimento pentecostal se alastrou mundo afora. No Brasil, veio por imigrantes europeus que haviam experimentado o pentecostalismo negro nos Estados Unidos, no qual o movimento teve grande êxito entre as classes mais pobres e marginalizadas da sociedade (ALENCAR, 2010).

Segundo o sociólogo inglês radicado no Brasil, Paul Freston, o pentecostalismo brasileiro é classificado por três fases ou ondas: a primeira, a segunda e a terceira onda. Cada onda é caracterizada por uma ênfase específica e as igrejas que as representam.

A primeira onda é caracterizada pelo fenômeno da glossolalia, ou seja, o batismo com o Espírito Santo, certificado pelas línguas e é representada pelas igrejas Congregação Cristã (1910) e Assembleia de Deus (1911).

A segunda onda é caracterizada pela cura divina e é representada pelas Igrejas do Evangelho Quadrangular (1953), O Brasil para Cristo (1955), Deus é Amor (1962), Casa da Bênção, dentre outras.

A terceira onda, aqui também classificada como pentecostal, na visão de Freston, é caracterizada pela libertação, pelo exorcismo da possessão maligna, relacionada principalmente com os cultos mediúnicos e é representada pelas Igreja Universal do Reino de Deus - IURD (1977), Internacional da Graça (1980), Cristo Vive (1986), Renascer em Cristo (1986), outras.

No tocante a terceira onda, classificada por Freston e alguns outros pesquisadores, como fases do movimento pentecostal, entendemos e abordamos nesta pesquisa, classificando-a dentro do fenômeno neopentecostal e considerando

apartado do movimento propriamente reconhecido como pentecostal, conforme apresentado no trabalho de Ricardo Mariano (1999).

De volta à questão da segunda onda, antes do fim do século XIX, a experiência pentecostal do batismo com o Espírito Santo e a sua doutrina da Segunda Bênção, não eram conhecidas.

O movimento caracteriza-se, primariamente, pela ênfase dada ao falar em línguas e às curas. O fenômeno tornou-se notório na primeira década do século XX. No Brasil, o pentecostalismo aparece por volta de 1909-10.

[...] O fenômeno linguístico do escoamento do sagrado é típico do protestantismo em geral. Mas ele é mais sensível em áreas protestantes de população carentes e dominadas. Porque a religião, apesar das suas características de dominação, sempre apresenta válvulas de retomada de poder que, embora num outro plano, podem compensar o que não está no alcance dos fiéis no plano político e econômico. (MENDONÇA, 1984).

O pentecostalismo no Brasil, de acordo com MENDONÇA (1984), é corroborado com a prática católica, que de acordo com o autor, não é em si mesma essencialmente discursiva, mas é ritual, mítica e sacramental. Cresce e nutre-se à custa do protestantismo histórico, também. Países do terceiro mundo e sociedades desenvolvidas, que apresentem quadros sociais drasticamente diferenciados são sensíveis a tais fenômenos religiosos.

[...] Os especialistas da religião buscam os meios de correlacionar o discurso mítico aos interesses em jogo, tanto os próprios como os dos que recebem o discurso. Como nas sociedades diferenciadas a competição também se estabelece no campo religioso, os especialistas acabam construindo sistemas de crenças segundo as estratégias do monopólio dos bens de religião destinados às diferentes classes sociais interessadas nos seus serviços. (MENDONÇA, 1984)

A presença pentecostal no Brasil foi discreta entre os anos de 1910 a 1950. As duas principais denominações foram a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil. A partir da década de 50 em diante, as igrejas chamadas pentecostais começam a florescer por aqui com mais notoriedade.

MENDONÇA (*op cit.*) diz que o crescimento atribuído ao movimento pentecostal é genérico; para ele, muitas denominações chamadas pentecostais receberam esse rótulo apenas por desenvolverem práticas litúrgicas pentecostais em suas reuniões. Muitas, não possuem linha teológica definida. Algumas, são

empreendimentos locais e de lideranças individuais, ou por estarem excluídas em relação às igrejas históricas - são as chamadas igrejas autônomas.

O movimento pentecostal brasileiro está ligado diretamente ao Movimento de *Los Angeles*. As vertentes deste pentecostalismo brasileiro são três: A batista, a presbiteriana, e a metodista. As igrejas pentecostais oriundas destas são genuinamente pentecostais, mas conservaram a teologia e eclesiologia de suas respectivas mães.

Tal qual o protestantismo histórico, o pentecostalismo também é um movimento fragmentado. Como Lutero se livra de elementos simbólicos e dogmáticos do catolicismo, assim, Calvino e os desdobramentos das novas linhas teológicas livram-se de alguns elementos de suas origens; só é conservado o cerne de suas ideologias ou aquilo que bom proveito trouxer à nova denominação ou ao movimento que surge. O pentecostalismo estruturou-se como qualquer outro movimento protestante.

Uma das primeiras igrejas pentecostais em solo brasileiro foi a **Congregação Cristã no Brasil**, que pode ser considerada uma igreja brasileira. Seu fundador, Luigi Francescon, italiano estadunidense, foi um estrangeiro que não era missionário, nem era sustentado por instituições do exterior e chega ao Brasil em 1910. Francescon, conhece a mensagem pentecostal em Chicago, tal qual Daniel Berg e Vingren, fundadores da Assembleia de Deus. A igreja crê na predestinação e por este motivo não pratica o evangelismo nem apelos para conversões. A denominação, por questões doutrinárias, não registra seus membros. É uma Igreja de cultura oral; não publica nada, a não ser seu relatório anual. As duas primeiras comunidades da Congregação Cristã no Brasil, segundo Walter Hollenweger, em sua obra “El Pentecostalismo - História e Doutrinas”, nasceram em Santo Antônio de Platina e em São Paulo. Daí em diante, a propagação da igreja foi assustadora. No ano de 1967 contava com 2.500 congregações. No ano de 2007, segundo o artigo “Congregação Cristã no Brasil: da fundação ao centenário – a trajetória de uma Igreja brasileira”, de Yara Nogueira Monteiro, contavam já com 17.287 templos.

No site oficial da congregação Cristã no Brasil há um breve histórico da igreja:

“O Senhor iniciou Sua Obra no Brasil por um Seu Servo, em junho de 1910, sem denominação alguma, propagando-se, todavia, rapidamente, por meio de Seus crentes, desde então chamados por fé, em Nosso Senhor Jesus Cristo. Com o progresso da Obra, viu-se a necessidade de ser adquirida a propriedade do imóvel onde Seu povo já se congregava na Capital do Estado de São Paulo, sendo, então, oficializado nosso Estatuto em 1931, porém, já concebido

desde 1928; foi escolhido o nome de Congregação Cristã do Brasil. Entretanto, por questões doutrinárias, houve a mudança do nome de Congregação Cristã do Brasil para CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL o que se fez por Assembleia Geral Extraordinária, realizada em 21 de abril de 1962, em sua sede de então, de todas as Congregações que seguem a mesma Fé e Doutrina no País.

Sempre que se fez necessário nosso Estatuto foi reformado na sua parte administrativa, para governo das coisas materiais da Congregação. Na parte espiritual não existe nenhum governo humano, pois só o Divino prevalece, como se depreende dos diversos artigos contidos em nosso Estatuto.

Por esses princípios norteadores da conduta da CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL é que, nos seus cultos, o único assunto que deve ter relevância é o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo e a Salvação que Dele advém”.

Contemporânea à congregação Cristã no Brasil nasce uma das igrejas mais populares e também a mais numerosa, a **Assembleia de Deus**. Seus fundadores foram os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, em 1911. Berg foi batizado em 1899 na igreja batista sueca e emigrou para os EUA em 1902, retornando a terra natal em 1909 recebeu o batismo do Espírito Santo, sob influência de seu amigo também sueco. Em sonho, Vingren, amigo de Daniel Berg, fora revelado que deveriam partir para um lugar chamado Pará, no Brasil.

Já em terras brasileiras, trabalhavam, enquanto aprendiam a língua portuguesa, tendo eles pouco êxito na sua atividade missionária, junto uma comunidade batista, onde faziam reuniões de oração no sótão oferecido pela igreja. Tais reuniões de oração levaram ao cisma da congregação, dando origem a nova denominação.

A recém formada igreja proliferou pelo nordeste e vagarosamente pelo sul e segundo Walter Hollenweger, já em 1968 contava com 1.700.000 membros dentre as 5.500 congregações espalhadas no Brasil. Em 2021, segundo o site “*Gospel Goods*”, a igreja possui 22,5 milhões de membros em todo o país. “São homens e mulheres de todos os estados que frequentam as mais de 389 mil igrejas da Assembleia que estão espalhadas de Norte a Sul do Brasil”.

No site do governo federal “gov.br”, em reportagem publicada em junho de 2021, é informado que a denominação conta com 540 templos só na capital do país. Contudo, este número é relativo, pois ao contrário da Congregação Cristã no Brasil, a Assembleia de Deus dividiu-se em várias convenções, ministérios e igrejas autônomas, dificultando assim fontes estatísticas mais próximas de uma realidade.

Ao contrário também da contemporânea Congregação Cristã no Brasil, que é apolítica, a Assembleia de Deus é uma igreja politizada e faz uso do marketing. Isso faz transitar em seus templos, importantes políticos da sociedade brasileira. Por ocasião dos 110 anos das Assembleias de Deus no Brasil, destacou-se a presença do presidente Jair Messias Bolsonaro, em um culto solene de abertura da comemoração do aniversário da denominação.

De um modo geral, a teologia das Assembleias de Deus é conversionista, assemelhando-se às demais igrejas protestantes brasileiras. Seu sistema de governo eclesiástico assemelhava-se ao congregacionalismo dos batistas por causa da “liberdade” das igrejas locais. Em nossos dias, tal liberdade administrativa quase só é presente nas chamadas igrejas livres e autônomas, dado o grande número de convenções e ministérios espalhados pelo Brasil, que com um tratamento administrativo secularizado e visão eclesiológica empresarial, fazem das igrejas filhas e ou associadas uma simples filial de serviços religiosos.

O rol de membros das Assembleias de Deus é formado por profissionais liberais, executivos, militares graduados e políticos; isso evidencia seu distanciamento dos setores mais desprivilegiados, especialmente nas grandes cidades. Como dissemos acima, a Assembleia de Deus está dividida em infinitas subdivisões de convenções e ministérios. Talvez isso explique a taxa altíssima de crescimento, frente às demais igrejas pentecostais.

Um dos motivos que corroboram para esses dados é o fato do nome denominacional “Assembleia de Deus” ser livre. Ao contrário de diversas outras igrejas pentecostais, qualquer um pode usar a nomenclatura Assembleia de Deus, bastando apenas uma vinculação ministerial, convencional, privada ou própria.

Um outro fator interessante de notar é que é a igreja que mais filhas denominacionais pentecostal gera. Em geral, novas igrejas particulares e privadas aderem o nome Assembleia de Deus para sinalizar uma identificação eclesiástica e doutrinária, contudo, vinculam um sobrenome ministerial a este. Com o passar do tempo, e firmando-se o ministério da nova instituição-igreja, permanecerá o sobrenome ministerial apenas, desaparecendo o nome primário Assembleia de Deus. Esta prática é corriqueira entre os fundadores de novas igrejas pentecostais.

Usar o nome público “Assembleia de Deus” até um determinado ministério consolidar-se, é uma prática corriqueira no Grande Rio. Em Niterói e São Gonçalo

tal prática é visível para aqueles que observam o fenômeno. Em São Gonçalo, por exemplo, no bairro de Rio do Ouro, até por volta da década de 80, podíamos observar apenas uma igreja Assembleia de Deus. Nos demais bairros e também no município de Niterói, a situação era praticamente a mesma. Hoje, é quase difícil calcular o número de igrejas Assembleias de Deus em um único bairro dos municípios citados.

Uma outra igreja pentecostal é a **Igreja do Evangelho Quadrangular**. É o resultado do movimento evangelístico da Cruzada Nacional de Evangelização. A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil abriu as portas em 1952 para os missionários Harold Williams e Raymond Boatright para o movimento de cura divina, no Brás, em São Paulo; daí em diante dá-se uma explosão pentecostal no Brasil. Como resultado deste movimento, surge em 1953, fundado pelos missionários acima, a Igreja do Evangelho Quadrangular, no Brasil.

A doutrina da Igreja do Evangelho Quadrangular, segundo a fundadora, Aimee Semple McPherson, uma metodista canadense, baseia-se nos quatro pilares: Cristo o Salvador, o Batizador com o Espírito Santo, o Grande Médico, e Cristo o Rei que há de voltar. Segundo o Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2000, a IEQ tinha 1.318.805 membros no Brasil. Já no ano de 2010 o Censo registrou 1.808.389 membros, o que tornara a IEQ a 5^a maior denominação protestante no Brasil por número de membros.

Outras igrejas pentecostais como, O Brasil para Cristo, a Igreja de Cristo Pentecostal, a Igreja Evangélica do Avivamento Bíblico, e outras, são frutos dessa Cruzada.

A **Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo**, é também fruto de Cruzadas. Seu fundador, Manoel de Mello, foi evangelista da Cruzada Nacional de Evangelização. Originário da Assembleia de Deus, desvincula-se e funda sua própria igreja. Na contramão das igrejas da época, seu líder envolve-se com o mundo político e também com o Conselho Mundial de Igrejas. H. Meyer diz que o evangelista Manuel de Melo é sem dúvida uma das figuras mais importantes e populares no movimento pentecostal brasileiro. Seus cultos alcançavam milhares de pessoas, suas pregações pentecostais atingiam milhões de ouvintes radio-espectadores.

A igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo, assim como algumas outras, faz parte daquelas igrejas pentecostal chamadas comunidades pentecostais livres, sendo esta a mais importante dentre elas, segundo observou H. Meyer (*apud* HOLLENWEGER. 1976).

Outro tipo de pentecostalismo, à margem do pentecostalismo clássico, menos “estruturado” é aquele que alguns especialistas chamam de agências de cura divina. Douglas T. Monteiro (1982), caracterizou esses movimentos como agências religiosas. Tais curas são propagadas em praças, cinemas e estádios. Possuem como característica a não estabilização. Aproximam-se mais de uma empresa do que uma religião, pois comercializam bens de consumo religioso.

Muitos líderes são sinceros em seus intentos, contudo, alguns se perdem nessa empreitada. Em geral, a “clientela” dessas agências é de pobres que vivem nas periferias das grandes cidades ou na zona rural. Pessoas com pouca escolaridade, subempregos, doentes e solitários que buscam curas, libertação de seus dilemas e libertação demoníaca.

[...] A cura divina como tal, isto é, como objetivo único de um grupo ou de um líder carismático de cura divina estabelece balcões de oferta de bens de religião a uma clientela flutuante e descompromissada na qual a relação do fiel com o sagrado ocorre na base de “dar para receber”. A prática dos grupos de cura divina avizinha-se das práticas de magia, e como afirmou Emile Durkheim, não há Igreja mágica. Embora alguns desses grupos mantenham seus discursos nos parâmetros da fé cristã, sua prática às vezes se afasta dela, enquanto outros apresentam discurso e práticas quase irreconhecíveis do ponto de vista do cristianismo. (MENDONÇA, 1984).

Especialistas do fenômeno citam como exemplo de agência de cura divina, a **Igreja Pentecostal Deus é Amor**, contudo, muitas outras igrejas se estabeleceram nessa relação rasa da fé cristã.

A Igreja de David Miranda, seu fundador, possui uma clientela em busca dos bens mínimos de sobrevivência. Nelas, ao contrário do pentecostalismo clássico, a cura divina é o fim, e não uma dádiva a mais do evangelho. Tais movimentos ou denominações, também chamadas de religiões do espírito, perdem a oportunidade de mobilizar a sociedade, ou de contribuir para um reino de paz; pois servem de fuga aos oprimidos da sociedade. São paliativos para a dor e o sofrimento causados por uma sociedade capitalista. Eliminam o desejo de lutarem por mudanças estruturais na sociedade.

Professor Jonas Napoleão, do curso de Ciências da Religião, no seminário CITERJ, fez a seguinte declaração: “uma Igreja que serve de fuga para os oprimidos da sociedade...”, seria essa a verdadeira Igreja, os “chamados para fora?”. A este respeito já dizia Heine:

[...]Bendita seja uma religião, que goteja sobre o amargo cálice da humanidade sofredora algumas doces e soporíferas gotas de ópio espiritual, algumas gotas de amor, fé e esperança (HEINE, 1940).

3.1 OS NEOPENTECOSTAIS

Enquanto que denominações protestantes tradicionais e pentecostais cresceram desconectadas dos embates sociais, culturais e políticos, crescia também no meio evangélico pentecostal uma busca por mais liberdade cristã nos usos e costumes, mesclada à certa ousadia adaptada à realidade secular. No meio tradicional, pairava em certas denominações a busca por um movimento de renovação espiritual relativo aos dons do Espírito Santo.

Esta pequena parte da sociedade, desprezada e minoritária, não chamava atenção dos poderes constituídos. Somente ganhava visibilidade quando determinada manchete depreciativa ou maldosa da imprensa nacional vinha à tona ou dos organismos ditos de opinião pública. As igrejas chamadas históricas e tradicionais e também as denominações do movimento pentecostal não influenciavam de um modo mais agressivo setores da sociedade.

Contudo, isso foi coisa do passado, o neopentecostalismo “lavou a alma” dos evangélicos no Brasil. A princípio, trabalho árduo em várias frentes: rompimento de barreiras socioculturais plantada pelos pentecostais e tradicionais, ingresso na vida política; “influência” cultural; adaptações na teologia e demais mudanças de caráter secularizantes. A respeito disto, Alencar (2005) afirma que:

[...] Enquanto que o pentecostalismo é apenas uma progressão do individualismo protestante, o neopentecostalismo é o ramo mais libertário da história do protestantismo. Já era aquela imagem estereotipada do pentecostal rígido, conservador, de trajes e costumes simples e com um carimbo na testa: honesto. Agora se pode quase tudo...a nova versão pentecostal escancarou geral”. (ALENCAR, 2005)

Os neopentecostais também são responsáveis, com suas mudanças e táticas, pelo pluralismo denominacional em nosso país. O movimento conseguiu realizar em poucas décadas o que os outros apenas sonharam. Há mudanças

bruscas de comportamentos, que outrora, considerava-se “pecados”. Há o salto de um estado passivo para o ativo, nesse novo protestantismo “adaptado ao meio”. Tais transformações emanam de fontes sobrenaturais ou de oportunidades mercadológicas emergentes!?

Comungando deste pensamento e bebendo desta fonte, em nossos dias, muitas denominações se auto dividem e rendem-se à eclesiologia neopentecostal. Verdades locais dessa ou daquela comunidade cristã podem diferir e ser relativizadas conforme o pensamento da liderança local. Desta forma, a cada dia, novas denominações nascem para o “mercado gospel”. De acordo com Oliveira Júnior (2013):

[...] A despeito da classificação, este é o movimento que mais se alinha ao ethos brasileiro. No que tange à musicalidade, por exemplo, lançaram mão da percussão, permitem a utilização de instrumentos musicais variados em seus cultos, tornaram sua liturgia mais leve e solta, substituíram o terno e a gravata por trajes mais informais (em alguns casos até mesmo para os oficiantes das celebrações, como na Renascer e na Bola de Neve Church, por exemplo). O mais importante fator de diferenciação entre o neopentecostalismo e sua matriz de origem pentecostal/protestante é o afrouxamento ético. O neopentecostalismo não apenas se adequou ao perfil brasileiro, mas também se adequou ao mercado de consumo, de modo que o êxito de seus empreendimentos e crescimento não se explica apenas pelo “jeito de ser” assumido por esse grupo. Aderir a uma lógica de mercado fora decisivo para atrair maior número de fiéis/consumidores. E para tanto, tiveram de aceitar e jogar com as regras do jogo.

Podemos presumir que o movimento neopentecostal é fruto das tendências que borbulhavam no quadro evangélico nacional. Um filho que rompe com os pais, sem, contudo, deixá-lo por completo, pois precisa ser identificado com este, quando convier.

O neopentecostalismo, contudo, tem contribuído no crescimento dos evangélicos no Brasil e somado à pluralidade denominacional por aqui. Diversas camadas e segmentos da sociedade, outrora não alcançados pelos tradicionais e pentecostais, são inseridos no mundo gospel pelo movimento.

Há décadas atrás, a comunidade evangélica brasileira sofria “discriminações” maiores. Hoje, o movimento faz transitar personalidades importantes da sociedade dentro do meio evangélico. Isso tem o poder de mudar os discursos em relação aos evangélicos no Brasil. Com as mudanças, novas alianças são firmadas, inclusive, o movimento neopentecostal faz representantes na política, nas esferas municipal, estadual e federal.

O movimento contribuiu nas “conquistas” dos evangélicos, quando estes estavam como que, “escondidos em seus casulos”, graças às características que possuem na habilidade de conquistar espaços, sem medir ou acovardar-se diante das situações adversas. Tiveram êxito em seus intentos quando adequaram à teologia a realidade socioeconômica brasileira. Enquanto a visão marxista rompe com os conceitos organizacionais de uma sociedade capitalista, os neopentecostais ensinam como alcançar essas posições, sem, contudo, romper com o padrão organizacional capitalista. Promovem o incentivo à mudança de classe social, sem perturbar os “conceitos e leis” estabelecidos pelos poderes constituídos da nação. Talvez isso explique o engajamento das massas ao movimento neopentecostal.

Na visão dos tradicionais e pentecostais, apresentadas nos discursos, nos cânticos, é de caráter salvífico ou encorajamento aos males de uma sociedade capitalista e levam o homem para o mundo transcendente, a fim de que este suporte o presente.

Na visão neopentecostal, estes conceitos são rompidos. O movimento encoraja sua "clientela" a conquistar a terra... “tomar posse”, não a celeste, mas a tangível. O movimento mescla a liberdade nos usos e costumes dos tradicionais, ao caráter avivalista do Espírito Santo dos pentecostais.

Os crentes descontentes dos movimentos anteriores por motivos plurais, tendem a agrupar-se ao neopentecostalismo. O movimento observa as lacunas do tradicionalismo e pentecostalismo e oferece aos seus dispersos, aquilo que procuram, e muito mais. É um mesclado do pentecostalismo e do tradicionalismo. Os neopentecostais rompem com práticas destes, conservando e ou adequando somente àqueles que bom proveito lhes trouxer.

A força do movimento faz com que grande parte das igrejas pentecostais e tradicionais introduza em seus cultos, táticas litúrgicas neopentecostais.

Contudo, Augustus Nicodemus, em seu livro “O que estão fazendo com a Igreja” diz que as denominações tradicionais que adotaram práticas e ideias típicas do movimento neopentecostal com o intuito de crescimento quantitativo de suas igrejas, não obtiveram bons resultados, como aquelas legítimas. Quanto ao crescimento dos neopentecostais, Nicodemus diz:

[...] A lógica é simples: Os neopentecostais estão crescendo muito no Brasil. O que eles tem que eu não tenho? Qual a causa desse crescimento? em que eles acreditam e o que praticam? E a resposta parece simples: batismo com fogo, batalha espiritual, expulsão de demônios, sinais e prodígios, unção com óleo, teologia da

prosperidade, danças litúrgicas, coreografias, cultos de descarrego, quebra de maldições, línguas, profecias e visões, e por aí vai (NICODEMUS, 2008).

Assim como os demais movimentos, o neopentecostalismo não é homogêneo. Apesar de haver aquelas denominações que mais fiéis representam o fenômeno, centenas de denominações neste seguimento nascem, cada qual divergindo em algum ponto da outra. Da mesma maneira que o movimento pentecostal foi responsável por uma onda de novas denominações que pretendiam romper com algo do “tradicionalismo”, assim os neopentecostais são responsáveis pela avalanche de novas igrejas que surgem a cada dia.

3.2 PRINCIPAIS LÍDERES DO MOVIMENTO

Segundo Ricardo Mariano, o bispo canadense Robert McAlister, fundador da Igreja de Nova Vida, é o grande formador dos dois principais líderes atuais do movimento neopentecostal no Brasil, o R.R. Soares da Igreja Internacional da Graça, e o Bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus; juntamente com as demais, Renascer em Cristo de Estevam Hernandes e Robson Lemos Rodovalho do Ministério Sara Nossa Terra, dentre outras mais.

Atualmente, a grande explosão de templos que surgem, é do segmento neopentecostal. Algumas das denominações que nasceram num outro movimento rendem-se ao movimento “neo”. A verdade é que, entre muitas igrejas que se dizem pentecostais ou tradicionais, nos dias de hoje, poucas são aquelas que não praticam uma liturgia “neo”.

Deste modo, o modelo de introdução das denominações no Brasil, a corroboração das igrejas tradicionais, do pentecostalismo e do neopentecostalismo, fazem borbulhar o pluralismo denominacional no Brasil.

4. REINO DE DEUS E REINO DOS HOMENS

Estamos analisando as diferentes igrejas, denominações e movimentos e precisamos compará-los aos parâmetros Daquele que nos deixou as bases e diretrizes verdadeiras necessárias para a sua Igreja – o Senhor Jesus.

Sabemos que é função da Igreja de Jesus Cristo, apregoar o Reino de Deus através das boas novas de salvação. A igreja, em meio e mesclada ao pluralismo denominacional evangélico brasileiro, precisa confrontar-se com os valores morais e espirituais intrínsecos do Reino de Deus e dos Homens, e a partir daí, detectar e avaliar sua identidade. As diferentes e numerosas igrejas e denominações são consequência do reino de Deus? propagam o Seu reino ou são frutos do governo humano?

Antes de prosseguirmos com a temática reino de Deus e reino dos homens, procuramos aprimorar o conceito que temos de igreja ou denominação.

A palavra “denominação” pode ser definida como o ato de denominar; nomeação, designação, nome. Nos países anglo-saxônicos, a designação geral das congregações eclesiásticas, seitas, etc. Segundo a definição de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. No Brasil, denominações são os nomes ou títulos e rótulos das diversas igrejas locais. Por exemplo: sou assembleiano, sou batista, sou presbiteriano, ou metodista, não significa pertencer a uma igreja local e específica de um determinado endereço, mas a qualquer uma e em qualquer lugar que se intitule assembleia, batista, presbiteriana e por aí vai.

Outra coisa que precisamos considerar é a palavra “Igreja”, e em dois sentidos: no sentido universal e no sentido local. No sentido universal, a igreja consiste de todos aqueles que, nesta dispensação, nasceram do Espírito de Deus e foram pelo mesmo espírito batizados no corpo de Cristo. Jesus diz que construiria a sua Igreja, e não as Igrejas. Paulo perseguiu a Igreja. Cristo amou a Igreja. Nota-se a palavra Igreja (una), e não Igrejas (diversidade). Esta Igreja única é a soma de todos os salvos das diversas Igrejas. No sentido local, é usada para se referir ao grupo dos que professam ser crentes em qualquer lugar. Como lemos: a Igreja em Jerusalém, a Igreja em Antioquia, a Igreja em Éfeso, etc.

4.1 O REINO DE DEUS

O Relacionamento entre o Reino de Deus e a Igreja é um dos problemas difíceis na questão do estudo do Reino de Deus. Para tal compreensão,

se faz necessário examinar a ideia do Reino de Deus, o aspecto da Igreja Universal (invisível) e a Local (visível).

O termo *Basileia*, para designar o domínio de Deus é pronunciado por Cristo nos evangelhos inúmeras vezes. Ao contrário, raramente encontra-se este termo na literatura do judaísmo antigo, nos livros apócrifos e pseudepígrafos, bem como no Targum. Santana (2004), afirma que o termo Basileia é mencionado por Josefo, uma única vez, em conexão com a ideia de Deus, contudo, o termo reino de Deus não aparece nos seus escritos.

Para os cristãos dos três primeiros séculos, o reino sempre foi considerado escatológico. Na doutrina católica, o reino é a Igreja, por influência agostiniana.

O reinado dinâmico, ou o domínio soberano de Deus é o Reino de Deus. A Igreja (invisível) é a continuidade do Reino, mas nunca o próprio Reino. Os discípulos pertencem ao reino, como o reino lhes pertence; porém, não são o reino.

A ideia principal do reino de Deus na escritura é o governo de Deus firmado e reconhecido nos corações dos pecadores, através da influência do Espírito Santo, confirmando-lhes a salvação. O reino é escatológico; sua realização é espiritual e invisível. Henry C. Thiessen em Palestras em Teologia Sistemática, diz que o termo Reino de Deus parece referir-se apenas aos salvos, mas que também pode referir-se aos do milênio e aos salvos de qualquer outra era. O reino não é um fenômeno deste mundo, embora o influencie. O Reino é o domínio de Deus.

Agostinho identificava o Reino de Deus como uma realidade presente com a Igreja. O reino era identificado primariamente com os santos e piedosos. Já a Igreja Católica Romana o identificava com a sua instituição hierárquica. Os reformadores identificaram-no com a Igreja Invisível.

4.2 REINO E A IGREJA INVISÍVEL

O Reino é o domínio de Deus, a Igreja Invisível é o conjunto de indivíduos comprometidos com este reino divino, contextualizados sociologicamente, porém, sem estarem comprometidos com este.

O Novo Testamento não iguala os componentes do Reino, ao próprio reino. Os primeiros missionários pregaram o Reino de Deus, não a Igreja. (Atos dos Apóstolos 8.12). Nos Evangelhos nada iguala os discípulos de Jesus ao Reino “É confuso afirmar que a Igreja é a forma assumida pelo Reino de Deus no intervalo

existente entre a ascensão e o retorno de Jesus". (ELDON, 2019). O Reino é invisível, não é um fenômeno deste mundo.

Uma vez que, o Reino de Deus e a Igreja invisível sejam em até certo ponto semelhantes, deve-se fazer uma distinção entre tais. A regeneração é primordial tanto num como no outro. Os componentes deste reino constituem um reino em sua relação com Deus em Cristo como seu governante, e uma Igreja (invisível) em sua separação do mundo na devoção a Deus, e em sua união orgânica uns com os outros.

Lutero falou de uma Igreja dentro da Igreja visível. Com isso, pretendia distinguir a Igreja essencialmente espiritual da visível. Contudo, a Igreja invisível assume a forma visível em sua organização terrena.

O conceito de uma Igreja Invisível, Universal e Una é corroborado por Thiessen em sua teologia. A palavra Igreja é usada no sentido universal por Cristo, quando disse construir Sua "Igreja", e não Igrejas. Paulo perseguia a "Igreja". Cristo amou a "Igreja". Por ter Cristo estabelecido os apóstolos, profetas, mestres, outros, na "Igreja". (I Aos Coríntios 15.9; 12.28. Aos Efésios 5.25)

4.3 CONEXÃO DO REINO E IGREJA.

O Reino cria a Igreja. O Reino gera a Igreja. Quando a nação de Israel como um todo rejeitou a oferta, os que aceitaram foram constituídos como o novo povo de Deus, os filhos do Reino, o verdadeiro Israel, a Igreja incipiente. A Igreja é, portanto, o resultado da vinda do Reino de Deus ao mundo por intermédio da missão de Jesus Cristo.

A Igreja testemunha o Reino. A Igreja tem como missão testificar do Reino; ela não pode edificar o Reino, nem se tornar nele. Tal testemunho refere-se aos atos redentores de Deus através de Cristo; passado e futuro.

Os Evangelhos evidenciam que o Reino de Deus fora rejeitado e, por conseguinte, foi tirado e dado a outra nação que o desenvolveu. Faz parte do plano escatológico de Deus, que antes da vinda do fim, todas as nações tenham a oportunidade de ouvir o Evangelho.

A Igreja dá testemunho do Reino de Deus (as boas novas) ao mundo – Israel falhou e a Igreja assumiu o seu lugar. A Igreja tem um duplo caráter, pois pertence às duas eras: no povo do século futuro, contudo, vive no século presente.

4.4 REINO DE DEUS E A IGREJA VISÍVEL

A Igreja visível, ou seja, a local, deve ser um conjunto de homens pertencentes à Igreja Invisível, gerada pelo Reino. A fundação da Igreja Universal (invisível) coincide com a formação da igreja local.

As Igrejas locais são ou devem ser uma amostra real da manifestação do Reino de Deus na terra. Nelas, grupos e segmentos de cristãos procuram aplicar os princípios em todas as esferas da vida.

O teólogo Louis Berkhof diz que a igreja visível pertence ao Reino, faz parte deste e constitui-se na mais importante incorporação visível das forças do Reino. O Dr. Manoel Bernardino de Santana Filho, em sua obra *Karl Barth e a Teologia Latino-Americana*, fala da igreja de Jacó e da igreja de Esaú. Na igreja de Esaú os entes são visíveis, nesta - igreja local - pode haver a observação pela tangibilidade humana. Ingressa-se nela, através do ato voluntário do batismo - nas palavras do autor: "Ela é a igreja que tem visibilidade diante do ser humano. Enxergamos essa Igreja e não a outra (a invisível). Adentramos à Igreja de Esaú pelo batismo" (SANTANA FILHO, 2021).

Em contraponto à igreja de Esaú, está a de Jacó. Apesar da igreja de Jacó poder estar inserida na de Esaú, não podemos identificá-la humanamente. Por meios sobrenaturais e milagrosamente, dá-se o "ingresso" nesta igreja invisível e eleita.

A Igreja invisível contém a visível (local). Esta, deve portar-se como instrumento útil dos benefícios do Reino; deve compartilhar o caráter da Igreja invisível.

Assim, diante do poder do Reino de Deus operando através da Igreja universal de Cristo, através da igreja visível, a morte perde os seus domínios sobre os homens e não pode reivindicar uma vitória final. A Igreja é considerada como instrumento do Reino, ao passo que é um corpo empírico de seres humanos.

A Igreja é a detentora do Reino; os discípulos de Jesus tornaram-se detentores do Reino em lugar de Israel. Podemos observar este fato nas declarações de Jesus das chaves; as chaves do Reino de Deus, Mt. 16.19). As chaves do Reino são o discernimento espiritual que o próprio Pedro teve que passar, alcançando a Revelação.

A declaração de Jesus: “aqueles a quem perdoardes os pecados, lhes são perdoados e aqueles... serão retidos”, exemplifica e mostra a ideia de detenção do Reino pela Igreja.

Por intermédio da proclamação do Evangelho do Reino ao mundo, será decidido quem entrará no reino escatológico e quem será excluído. O ponto de partida do Reino vem diretamente de Deus, e o da igreja, dos homens.

4.5 REINO DOS HOMENS

Vimos que o reino de Deus é o domínio de Deus. E o domínio dos homens? Desde os primórdios da civilização humana, o governo humano aproveita-se dos bens e produtos da religião para monopolizar e apoderar-se das massas. O *Reino dos Homens* é o domínio dos homens no mundo.

A história das civilizações e povos mostra que todos os grupos de indivíduos isolados ou secularizados possuem liderança. A necessidade de se viver sob uma liderança, ou de exercê-la, não é má, contanto, que líderes e liderados vivam em prol de um bem comum maior, a saber, o homem e a sua vida em sociedade.

Os governos poderão ser diretos ou indiretos. O controle exercido pelos líderes pode se dar através de instrumentos tangíveis ou subjetivos. O último, que é a maioria dos casos, tem mostrado ser a melhor forma de colonização.

O governo dos homens tem mostrado ao longo de sua história, em quaisquer que sejam as sociedades e a crença praticada, uma grande tendência em apoderar-se das massas das quais governa. A religião exerce grande influência sobre as sociedades. Em nome da religião, edifica-se um castelo. No mesmo nome, se derriba.

No Brasil já houve uma religião oficial (a romana), no momento, vivemos um confuso multiculturalismo religioso e também um pluralismo eclesiástico. Contudo, ainda somos considerados um país católico e é natural que este catolicismo influencie grandemente a vida política da nação.

O número de confessos de uma determinada religião pode outorgar poderes àqueles que as representam diante da sociedade. Neste quesito, vale ressaltar que o crescimento dos evangélicos em nosso país é “invejoso”; o seguimento goza de um crescimento satisfatório.

No governo humano, no reino dos homens, aqueles que possuem uma representação suficiente, em geral negociam tal privilégio. A negociação pode ser de

caráter comunitário; próprio; ou grupos e segmentos. O quadro evangélico brasileiro parece adotar tais táticas e princípios. O grande aumento dos evangélicos no Brasil faz despertar interesses tanto nos de dentro, como nos de fora.

As grandes denominações aprendem e experimentam grandes negociações no campo político, econômico e demais. Pequenas igrejas, contentam-se com coisas menores. Porém, nunca perdendo a esperança de negociar um dia como os grandes.

Alguns especialistas do fenômeno religioso em suas observações classificam este quadro religioso como caótico, desordenado e anárquico; uma multiplicação de microempresas religiosas. Alguns líderes são autoproclamados, imaturos, pretensiosos, intolerantes e vaidosos, segundo eles.

Para Cavalcante (2000), a situação da Igreja brasileira é temerosa. O aspecto qualitativo é decepcionante; talvez pela priorização do quantitativo. A *Palavra de Deus* e a tradição viva são trocadas pelas *experiências individuais* e os espetáculos coletivos, orchestrados pelos profissionais litúrgicos.

Ventos externos são soprados; líderes evangélicos diversos no Brasil importam esses ares. O intento é salvar sua denominação do “fracasso” que a circunda na corrida denominacional em “*nossa pátria amada Brasil*”.

Salvo os valores e fatores que transcendem ao reino dos homens, o crescimento das igrejas evangélicas no Brasil pode ser entendido por uma série de fatores e circunstâncias, que em geral, nada dizem ou assimilam às características do Reino de Deus.

Caio Fábio em sua obra “*A Igreja Evangélica e o Brasil: Profecia, Utopia e Realidade*”, evidencia diferenças da igreja que cresce para o reino e aquela que cresce como um império pessoal. Para ele, nas denominações do tipo *impérios pessoais* exalta-se o ego da pessoa, acima da pessoa de Jesus; dá-se mais valor a resultados visíveis em detrimento ao trabalho invisível do Espírito Santo; se promove a rivalidade, ao invés da cooperação; não há respeito pela necessidade de se mostrar dependente dos irmãos e de se submeter aos outros no temor do Senhor. Alguém que esteja realmente procurando o Reino de Deus é alguém que serve a uma outra causa que não seja a sua própria (FABIO, 1997).

O reverendo prossegue dizendo que uma denominação que busca o reino de Deus é aquela que ensina a verdade acerca de um outro e não serve a sua própria causa. Ela está preparada para aceitar resultados que muitas vezes não são os

resultados que pretendia. Os resultados a serem alcançados não são cronometrados e agendados, ao contrário, é e será no tempo de Deus. Outra característica, é que essa denominação sonha com a glória do seu Senhor, e não com a sua. (FABIO,1997)

Assim, notadamente, no reino dos homens, poucas novas denominações que surgiram e continuam a surgir, decorrem de uma visão teológica diferenciada dos fundadores para com as suas igrejas de origem. Em sua maioria, pode revelar quão estado de desarmonia a situação se encontra entre eles.

[...] As estruturas eclesiásticas protestantes são portadoras de uma pluralidade teológica que constantemente se manifesta através de conflitos, crises e cismas. Esta pluralidade teológica compõe-se de correntes de pensamento que aparentemente decorrem de questões e posicionamentos relativos à pureza da doutrina ou do comportamento: o conflito se daria, assim, entre ortodoxia e heterodoxia doutrinária, entre bem e mal, verdade e erro. Divisões ideológicas servem-se de disputas doutrinárias ou comportamentais do passado e atualizam-se no presente, com o fim de justificar a luta pelo poder e o compromisso com os setores econômicos e políticos que se valem da religião como aparelho ideológico de manutenção da ordem vigente (MENDONÇA, 1990. p.146).

Fenômenos sociais e culturais no decorrer dos tempos desencadeiam mudanças no comportamento coletivo, a religião não é pouparada também, pois os componentes desta sociedade em constante transformação são seres religiosos.

As Igrejas buscam harmonizar as diferenças do seu mundo ao meio social que as cercam. Com as *harmonias* e as *contextualizações* ao meio, quase sempre é possível negociar princípios, antes, inegociáveis.

A missão é desafiante, as mudanças são inevitáveis frente às novas visões que emergem sem findar. Ou adapta-se às pressões de um mercado religioso em constante variação, ou se corre o “risco” de enclausurar-se ao seu mundo, assistindo ao seu próprio aniquilamento.

Se o quadro nacional evangélico fosse homogêneo, uma *Reforma* em muitos pontos desse cristianismo ser-lhe-ia plausível. Contudo, a possibilidade é confrontada frente à pluralidade ideológica do cenário, alimentadas tanto mais por aspectos de interesses do *Reino dos homens*, quanto do *Reino de Deus*.

4.6 QUE REINO AS DENOMINAÇÕES PRIORIZAM?

Considerando que o *Reino* é escatológico e a Igreja Visível deve ser uma amostra da Invisível, e que o reino de Deus precisa atuar também através do reino

dos homens, podemos caracterizar se é práxis nas denominações brasileiras a representação ou o apontar para este reino escatológico. No plano terreno que se encontra, a igreja busca amenizar as dificuldades dos seus, ou aproveita-se para juntar tesouros para o *reino dos homens*?

O poder de influência que as grandes denominações e líderes têm “gozado” diante de governantes tem sido usado em prol e benefício desse reino escatológico, que por hora é representado pelos cidadãos inseridos numa denominação local? Ou este privilégio é negociado, ainda que os negociados não tomem consciência, nos períodos ditos de *consciência política*?

O empenho, a mão de obra gratuita, em nome do Senhor; as contribuições que fazem “prosperar”; o serviço rotineiro do templo, é canalizado para o Reino de Deus? Ou tais recursos são canalizados para o serviço do reino denominacional? As novas denominações que nascem a todo o momento são sinais de que o Reino de Deus cresce?

De acordo com Amorese (2000), a falta de submissão dos liderados, e também o abuso da autoridade ou o descaso de alguns líderes, têm acarretado juntamente com outros fatores uma avalanche de novas denominações em nosso país. O autor afirma que:

[...] Vivemos um tempo de desobediência. Não necessariamente por uma rebelião, mas por afrouxamento dos valores ou por falta de zelo com a Palavra de Deus. A rebelião moderna se dá “naturalmente”, no campo ideológico, travestida de senso crítico.

O fator socioeconômico e também o ego pesam para que tais coisas aconteçam. Em meio às características e dificuldades de um povo, as Igrejas devem semear o Reino de Deus. As demandas e dificuldades de uma sociedade capitalista não podem manter a poliarquia, muito menos, patrocinar a religião.

Assim, e com as devidas observações acima, a Igreja de Jesus Cristo deve apregoar o Reino de Deus, através das boas novas de salvação, mesmo que, em meio ou mesclada ao pluralismo denominacional presente e a customização da fé, precise confrontar-se aos os valores morais e espirituais intrínsecos do reino de Deus e dos homens, e assim, marcar sua identidade.

Como dissemos acima, o Reino é o domínio de Deus, a Igreja Invisível é o conjunto de indivíduos comprometidos com este reino divino, ainda que

contextualizados sociologicamente aqui. O reino escatológico deve suscitar a pregação do reino de Deus ao reino dos homens.

Deste modo, e com as devidas observações do quadro introdutório das denominações evangélicas, apontando a real situação da igreja brasileira e na direção daquilo que queremos salientar a respeito do quadro pentecostal em nossos dias, mais especificamente no município de São Gonçalo e Niterói, passamos a analisar um outro seguimento religioso, antagônico ao protestantismo, mas que, nesta pesquisa, procurou apontar similaridades no campo cíltico e litúrgico.

No próximo capítulo, abordaremos um pouco da história da umbanda, uma vez que, estamos abordando a similaridade litúrgica desta religião com o novo pentecostalismo, aqui abordado.

5. UMBANDA E PENTECOSTALISMO

Segundo Tatiana Jardim (2017), a Umbanda é uma religião nova, com aproximadamente 100 anos, tipicamente brasileira e cristã, muitas vezes confundida com outras religiões de práticas ancestrais africanas. Para ela, é uma representação religiosa e cultural que diz muito sobre a narrativa do Brasil e que explica bastante sobre o período de mudanças em que foi instituída enquanto crença.

Figura 1: Roda de Umbanda



Fonte: Google imagens

Nasce a partir do encontro da macumba com o espiritismo kardecista, uma espécie de encontro das camadas pobres com a classe média do Rio de Janeiro. O kardecismo inseriu na macumba a estrutura e a doutrinas necessárias para lhe conferir a legitimação enquanto uma religião urbana.

5.1 A ORIGEM DA UMBANDA

Religião tipicamente urbana, nasce no município de São Gonçalo, no bairro de Neves, segundo historiadores da religião, da virada do século XIX para o século XX e tem forte base no Kardecismo de Allan Kardec, amplamente difundida a partir da metade do século XIX no Brasil. Ao contrário do Candomblé, a Umbanda é uma religião urbana influenciada pelas práticas religiosas das senzalas. Ela surge na transformação das cidades pela necessidade de integrar as práticas ritualísticas das senzalas com a exigência de um espaço urbano menos livre e mais ordenado.

O nome Umbanda só é encontrado em registros a partir de 1910, que é justamente através da fundação da casa espiritual de Zélio de Moraes, a Tenda Nossa Senhora da Piedade (JARDIM, 2017).

[...] No entanto, há algumas informações dadas na história da fundação que não batem com a realidade, embora possam ser apenas informações distorcidas ou perdidas conforme a história foi sendo repetida ao longo dos anos como tradição oral. Por exemplo, o presidente da Federação Espírita de Niterói naquela data não era José de Souza, mas sim Eugênio Olímpio de Souza. E nenhum José de Souza consta entre os membros da diretoria e associados. Para a história ser real, precisava ter ocorrido em algum centro espírita, que não fosse a federação, cujo nome teria se perdido com o tempo".

Os historiadores da religião umbandista narram praticamente o mesmo episódio para testificar o surgimento da religião:

[...] Na primeira década do século XX ocorreu a anunciação da prática umbandista e o que muitos consideram como "nascimento" dela. Aos 17 anos de idade Zélio Fernandino de Moraes preparando-se para entrar na Marinha Brasileira passou a apresentar problemas de saúde (paralisias, sintomas de epilepsia) entendidos por muitas religiões mediúnicas como sintomas de "afloramento mediúnico". Após insucesso com a medicina, padre e benzedeira, foi encaminhado a um templo espírita kardecista, a Federação Espírita de Niterói, sob liderança de José de Souza. No dia 15 de Novembro de 1908, Zélio de Moraes incorporou um espírito com trejeitos diferentes dos espíritos que se manifestavam nas reuniões Kardecistas, o que ficaria conhecido depois como espírito Caboclo. O espírito manifestado, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, foi interpolado pelos dirigentes a respeito do que lá fazia, já que esboçava um arquétipo diferente das entidades kardecistas, e avisou que no dia seguinte, na casa de Zélio, aos dias 16 de Novembro, seria fundada uma nova religião a qual aceitaria as enunciações de espíritos de pretos e índios, àquela época considerados poucos evoluídos pelo kardecismo. Segundo anunciado, no dia 16 de novembro, por volta das 20 horas uma multidão composta por espíritas, curiosos, católicos, vizinhos e desconhecidos arrodearam a casa de Zélio de Moraes, situada na época à Rua Floriano Peixoto nº 30, Neves, São Gonçalo, Rio de Janeiro, quando novamente manifestou o espírito Caboclo das Sete Encruzilhadas, que ditou o nome da religião e instituiu os fundamentos teológicos, doutrinários e ritualísticos da Umbanda. Além disso, deu nome ao espaço onde ocorreria às "sessões" (nome dado às reuniões umbandistas proposta pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas): Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. A análise deste nome traz um discurso de aglutinação e de dissidência, o qual torna a Umbanda então em constituição ao mesmo tempo "de todos, para todos, com elementos de todos", mas sem alguns elementos constituintes desses "todos". No sentido de aglutinação, o nome do primeiro local onde ocorreram as sessões, explicita a adesão doutrinária ao Espiritismo de Kardec, a incorporação mediúnica, marcado pelo uso do termo "Espiritismo"; e o sincretismo com o catolicismo (a prática da caridade por meio de

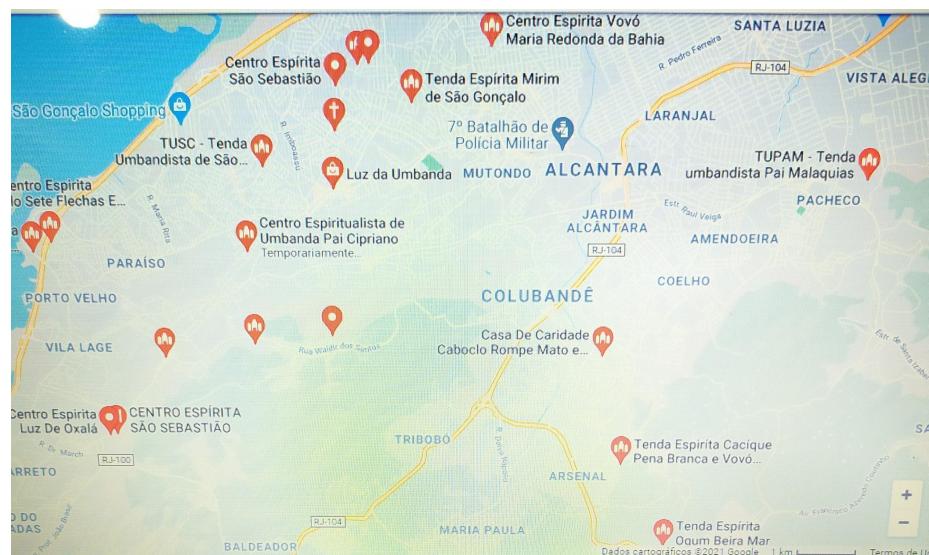
Maria – Nossa Senhora da Piedade), formando o “Espiritismo de Umbanda” (GONÇALVEZ & OLIVEIRA, 2018).

Figura 2: Mapeamento dos Centros de Umbanda, em Niterói-RJ



Fonte: Google Maps

Figura 3: Mapeamento dos Centros de Umbanda em São Gonçalo-RJ



Fonte: Google Maps

5.2 UMBANDA E PENTECOSTALISMO: Pontos de “Interseção”

O sociólogo francês Bastide chega à seguinte conclusão: "no momento em que o membro da congregação cristã se agita com tremor, aparece o dom de línguas e o domínio do Espírito Santo; quando parece estar mais dominado pela ancestral

influência africana, está na realidade mais perto que nunca dos ocidentais" (HOLLENWEGER, 1976.p.146).

A bacharel em comunicação Marcela Cintra publicou seu trabalho, onde abordou as similaridades ritualísticas existentes entre denominações pentecostais e cultos afros. A autora afirma que alguns cultos e segmentos já chamavam a sua atenção há um certo tempo. Ela declara: da curiosidade de entender melhor cultos pentecostais, por exemplo, surgiu a ideia de registrá-los (CINTRA, 2020).

Figura 4: Culto do movimento pós pentecostal



Fonte: Google

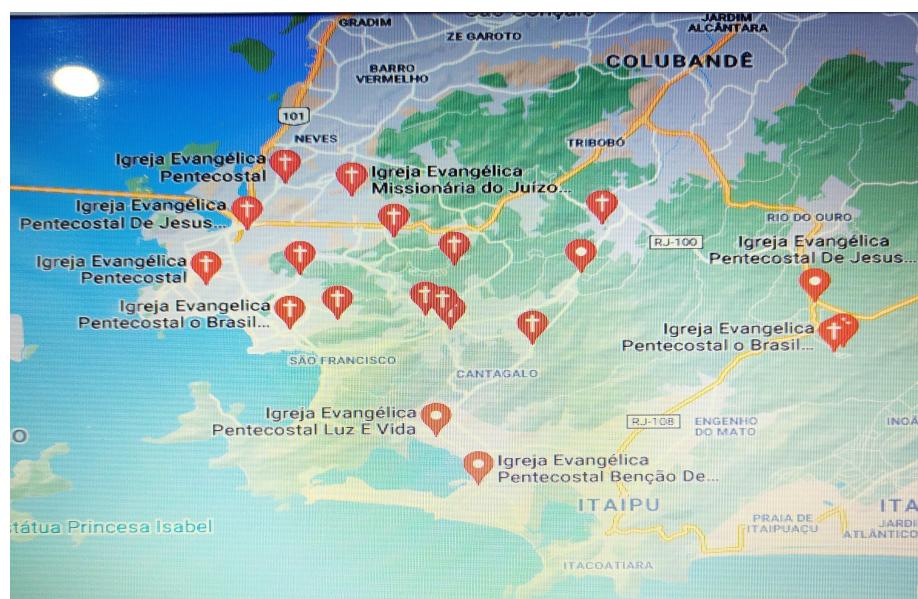
[...] Desde que me entendo por gente, nunca fui adepta a nenhuma religião. Alguns cultos e segmentos, porém, chamam a minha atenção há um certo tempo. Da curiosidade de entender melhor cultos pentecostais, por exemplo, surgiu a ideia de registrá-los. Das conversas e discussões sobre o assunto, veio a proposta de compará-los ritos do candomblé, a fim de verificar se, apesar de serem doutrinas extremamente diferentes, ambas caminhariam juntas em, pelo menos, um aspecto: o fervor dos cultos – 'performances' de fé fortemente presentes nessas cerimônias. Também, através dos registros imagéticos, tentei unir as duas religiões tão intolerantes entre si. Depois que defini meu objetivo, então, parti para a parte prática, quando comecei a frequentar igrejas pentecostais. E admito: as visitas iniciais, apenas como observadora, foram vivências intensas. O estado de transe coletivo, o canto e gritos constantes, juntamente ao choro dos fiéis me assustaram, mas causaram também curiosidade sobre tudo aquilo. E, como devem ser as nossas experiências na vida, quebraram muitos preconceitos. Com isso, já estava feliz.(REVISTA CURIOSAMENTE, 2021)

Na visão de Oliven (1982), no Brasil, pentecostalismo e umbanda são importantes religiões de massa. Certos segmentos de nossa sociedade têm funções sociais e psicológicas significativas: satisfazem as aspirações em relação ao sagrado, como também fornecem padrões e diretrizes morais em relação a sua conduta, além de proporcionar apoio emocional. Seus entes são vítimas de um sistema econômico e social que oprime e que não é compreendido pelos operadores do sistema (OLIVEN, *op cit.*)

Expostos às relações de mercado e padrões ocidentais de produção nas metrópoles, a dinâmica laboral das cidades fomenta a adesão das massas ao umbandismo e ao pentecostalismo; um elo perdido nos relacionamentos familiares não urbanos, que no passado, regravam a moral, os costumes e conduta. HOWER (*apud* CARREIRO, 2018), diz que estes movimentos religiosos têm coisas significativas para oferecer aos seus adeptos.

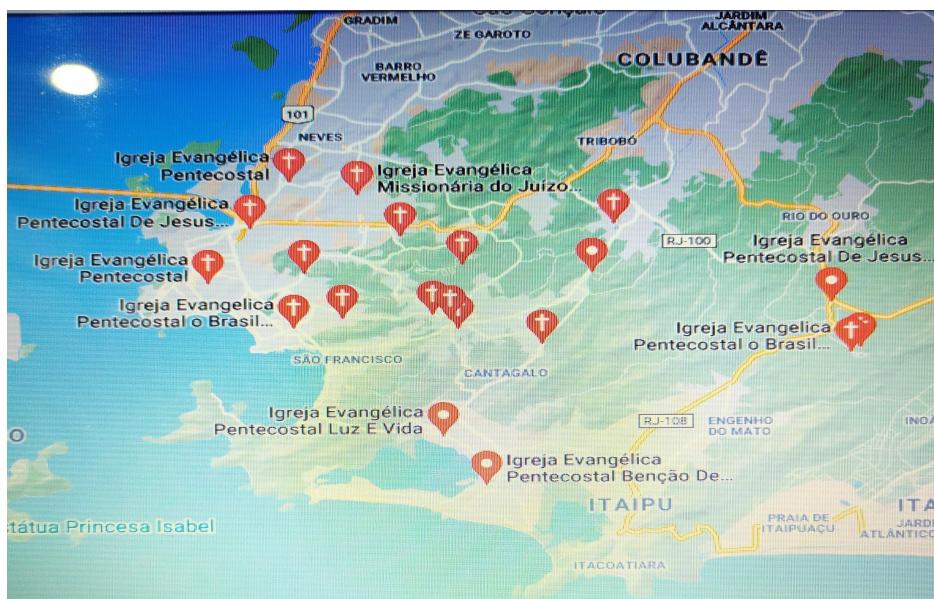
[...] Parte da sociologia clássica que interpreta o pentecostalismo brasileiro confirmou, analisando os censos de 1940 a 1970, que os índices de crescimento das religiões pentecostais seguiram o mesmo fluxo de aumento e diminuição da intensidade do êxodo rural nesse período. Para autores como Willems (1967), Camargo (1973) e Fry e Hower (1975), são a essas classes marginalizadas, subempregadas, vindas do campo, que o discurso pentecostal se direciona e ali encontra boa receptividade nesse período. A persistência de uma mentalidade rural nos indivíduos, mesmo habitando os centros urbanos funcionaria como propulsor ao crescimento pentecostal, pois a mensagem desta nova religião de raiz rural atenderia às necessidades específicas demandadas psicologicamente por tais populações (CARREIRO, 2018).

Figura 5: Igrejas pentecostais em Niterói-RJ



Fonte: Google Maps

Figura 6: Igrejas Pentecostais em São Gonçalo-RJ



Fonte: Google Maps

Nos mapas acima, podemos identificar igrejas pentecostais e centros de Umbanda, na qual foram marcados no *google maps*, contudo, sabemos que este número é apenas uma fração de uma lista vasta, espalhadas pelos bairros de Niterói e principalmente São Gonçalo, às vezes, quase parede com parede, no caso das igrejas.

Pentecostalismo e Umbanda são dois grupos religiosos que em virtude de suas características históricas e cargas culturais, assemelham-se quanto a busca do refúgio espiritual e ou fuga psicossocial. Nesta perspectiva, Oliven (1982) argumenta que as classes mais baixas, não podendo esquivar-se das regras do jogo econômico na qual também está sujeito a religião, submetem-se a onda que as empurram para seus devidos guetos. Nesta ou naquela religião, as aspirações sociais, emocionais e as necessidades espirituais, são as mesmas. Entretanto, a busca, geralmente ocorre, em grupos e comunidades religiosas, equiparadas ao nível cultural e visão de mundo.

C. Procópio F. de Camargo diz que a comunidade pentecostal é como uma grande família, onde por meio de contatos diretos e pessoais se supera o clima impessoal das grandes cidades (*apud* HOLLENWEGER, 1976.p.147). Talvez isso explique o novo fenômeno aqui pesquisado, à margem das já históricas denominações nas grandes cidades.

É notável as similaridades de alguns cultos pentecostais com cultos da umbanda. Os ritmos e cantos nas duas religiões parecem ligar e abrir caminhos ao êxtase coletivo. A esse respeito vemos: “Mas o que é corinho de fogo? O corinho é como se fosse um vento soprando: fuuu!!! Uma fogueira para acender... Cê não abana uma fogueira para acender?” (CARREIRO, 2011)

[...] Isso não é generalizado nas igrejas pentecostais, tais como AD, CCB, e sim em igrejas “mais particulares”, sobretudo nas igrejas localizadas na periferia urbana e geralmente são igrejas autônomas. (Grifo do autor) Os corinhos de fogo revelam um “Pentecostalismo particular”. O corinho de fogo no pentecostalismo funciona como uma espécie *mot de passe*, uma senha para a manifestação carismática coletiva. Tal manifestação encontra similaridades cênicas nas giras e perfomatisações hierofânicas comum em terreiros das religiões de matriz africana (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2018)

ALENCAR (2005), diz que neopentecostalismo e candomblé são grupos religiosos que compartilham semelhantes particularidades, fato serem os grupos que mais crescem no Brasil. Segundo o mesmo autor, estes possuem grande visibilidade na sociedade, sendo o candomblé de grande fascínio folclórico, dado o seu ritual, indumentária e também por pretender ser o resgate da religião dos africanos “em tempos de politicamente correto”. Com a umbanda, também não é diferente e acrescenta-se o fato de ser uma religião tipicamente brasileira e urbana.

5.3 UM MOVIMENTO “PÓS NEOPENTECOSTAL”

Notadamente, em tempos “pós neopentecostal”, há quase duas décadas desta primeira obra “Pluralismo Denominacional, o Reino de Deus e o Reino dos Homens, observa-se o crescimento de uma variação cônica e ritual no meio de certos grupos pentecostais. Um resgate do pentecostalismo engolido pelos neopentecostais ou uma deterioração daquilo que sobrou de um pentecostalismo clássico? Uma nova tendência emanada de igrejas e denominações marginalizadas pelo movimento que perdura e exclui para as periferias sociais e intelectuais, adeptos e seguidores não adaptáveis ao nível de exigência mínima do neopentecostalismo. Nessa lacuna “socioeconômica eclesial e intelectual” - na maioria dos casos -, nasce o movimento e ou grupos denominacionais antagônicos ao pentecostalismo clássico e ao movimento neopentecostal, como argumenta acima Oliven (1982), que as classes mais baixas, não podendo esquivar-se das

regras do jogo econômico na qual também está sujeito a religião, submetem-se a onda que as empurram para seus devidos guetos.

O fenômeno aqui identificado e sinalizado de “movimento pós neopentecostal”, assemelha-se em muitos casos, nos ritos e cultos, às manifestações das religiões de matriz afro. As abordagens presentes nos tópicos seguintes são reflexões sociológicas dos fenômenos observados nas denominações de Niterói e São Gonçalo, não representando preconceito a nenhuma das denominações e religiões aqui observadas.

Para melhor compreensão do fenômeno *pós neopentecostal* precisamos observar que a onda neopentecostal supriu de tal modo as igrejas chamadas históricas, e principalmente as pentecostais. Igrejas tradicionais e denominações pentecostais, secularizadas, sucumbem frente ao movimento neopentecostal. A cada nova denominação que abre suas portas, a esmagadora maioria é neopentecostal. Igrejas tradicionais, como culturalmente aqui conhecemos, a Igreja Batista, Presbiteriana, Metodista e demais históricas, adaptam-se à nova visão neopentecostal.

Contudo, parte dos pentecostais não secularizados, não-assimiláveis pelo movimento avassalador do neopentecostalismo, como na visão de observação de Oliven, se auto excluem do sistema tradicional e neopentecostal. À margem do pentecostalismo clássico e histórico, dão origem ao que chamamos aqui Pós Neopentecostalismo.

Não é uma nova onda neopentecostal, mas, o que sobrou, ou aquilo na qual foi reduzido, que em um passado distante, chamávamos pentecostalismo clássico. Ou seja, uma outra definição de ser ou ser reconhecido pentecostal, após a onda neopentecostal.

Antes do neopentecostalismo, ser pentecostal tinha uma “conotação”. Após décadas de neopentecostalismo, ser pentecostal soa diferente. O primeiro, nada tem em comum com o atual, só o nome.

A onda neopentecostal foi mesclada às igrejas tradicionais e pentecostais. Em sua esmagadora maioria, os cultos do neopentecostalismo enfatizam uma teologia antropocêntrica. Fiéis são ensinados a conquistar, lutar, vencer, serem cabeça e não cauda, a vitória sempre será o alvo, a conquista.

Como sabemos, nem sempre essa teologia de prosperidade funciona. Para as camadas da sociedade providas de certa escolaridade mediana e também

formação profissional, bem mais fácil é a assimilação do discurso neopentecostal. Com essas ferramentas na mão, mais o incentivo e a motivação dada pelos discursos, grande parte dos fiéis tem despertado e alcançado sucesso em suas buscas.

Contudo, aos desprovidos de “escolaridade e situação mínima exigida”, e de uma formação profissional, a estes excluídos dos recursos mínimos de sobrevivência numa sociedade seletiva e funcional, tal discurso neopentecostal não tem tido o mesmo êxito.

Assim, como ficou evidenciado no questionário pesquisa, adiante neste trabalho, e também como diz Oliven (1982), grupos excluídos economicamente e culturalmente, se auto excluem de determinados movimentos religiosos, agrupam-se em comunidades religiosas que coadunam e equiparam-se ao nível cultural e visão de mundo. Tais comunidades religiosas se autodenominam pentecostais, sem, contudo, resgatar do pentecostalismo clássico e histórico perdido, os princípios e doutrinas iniciais, suplantado pela onda neopentecostal. Ao contrário, desenvolvem seus ritos, cultos e liturgias à margem do pentecostalismo clássico.

O novo pentecostalismo de guetos mescla à sua liturgia, ritos, indumentárias, instrumentos musicais e cantos, emprestados das religiões de matrizes afro.

5.4 PANORAMA DOS CULTOS DA UMBANDA E DOS “NOVOS PENTECOSTAIS”

Como dissemos acima, chama a atenção neste “novo fenômeno” protestante, a similaridade com as religiões de matriz afro. A equivalência na forma cíltica é notável, a visão de mundo, a faixa econômica e intelectual. O novo culto pentecostal assemelha-se incrivelmente mais a cultos das religiões afro, que outrora foram combatidos veemente por eles.

No novo culto pentecostal de guetos que se observa, há um distanciamento para com as demais denominações protestantes, e cada vez mais há a aproximação e assimilação às práticas rituais das religiões africanas, da Umbanda, em especial.

Referindo-se ao pentecostalismo, o professor e escritor Dr. Manoel Bernardino de Santana Filho, diz: "O pentecostalismo não é o que se chama de neopentecostalismo. O pentecostalismo hoje é histórico. O sociólogo e mestre Sérgio Gil diz: ``É perceptível a idiosyncrasia resultante de práticas de matriz religiosa africana''. Segundo Mariano (2012), outras características deste grupo de

igrejas é o emprego de misticismos, o uso de objetos mediadores do sagrado com liberdade de expressões coletivas e individuais.

Entende-se por fenômeno religioso tudo aquilo que surge e se mostra. Assim, a religiosidade quando se expressa por meio dos ritos, palavras, gestos ou comportamentos, é percebida como um fenômeno religioso. Cada fenômeno religioso possui particularidades intrínsecas, crenças e ritos. As adesões aos fenômenos religiosos são seletivas e se dão e nutrem no campo da identificação pessoal. A religião e consequentemente a religiosidade sempre encontram válvulas de escape.

Embora cada manifestação religiosa seja referendada por uma divindade, valores e crenças, há em meio às religiões, particularidades e visões de cultuar o sagrado. Numa mesma religião onde se cultua e venera a mesma divindade e adota-se o mesmo livro sagrado, há divergência nas formas de adoração, interpretação do oráculo e diferentes manifestações ritualísticas e cíltica. Dessa forma, religiões e segmentos religiosos se subdividem e na maioria das vezes, se permitem subdividir para somar. Somar aos demais fenômenos religiosos de outros pantheon.

Logo, o fenômeno religioso protestante tem se dividido ao longo dos séculos, não poderia ser diferente. Separados, quando o querem unir ou igualar, mas unidos, quando o querem separar. À revelia daquilo que se quer transparecer à sociedade, se une ou se separa.

O fenômeno pentecostal também se subdividiu ao longo da sua existência e tem se moldado ao seu público. O neopentecostalismo não é uma divisão do pentecostalismo, ao contrário, é a soma deste com demais. Ao longo dos anos, aquele pentecostalismo clássico se esvaziou e marginalizou-se, enquanto que o neopentecostalismo conquistou mais espaços.

O protestantismo pentecostal em nossos dias não é o mesmo de décadas atrás. A compreensão da palavra pentecostal no meio evangélico sofreu inserções e variações de conotação. Quando um crente se declara pentecostal, far-se-á compreendido “à luz da visão de mundo pentecostal” do receptor, e vice-versa.

Neste afastamento do sentido original da palavra, é que, muitas das igrejas que nascem oriundas das chamadas pentecostais históricas, são categóricas ao incluir em seus nomes institucionais “de batismo” o prefixo “pentecostal”. Assim, faz parecer a diferenciação daquelas pentecostais clássicas, que para estes, não mais

representam o verdadeiro teor pentecostal verdadeiro. Por exemplo: Igreja Pentecostal do Amor de Deus, Igreja Assembleia de Deus Pentecostal, e outras mais.

A necessidade da inserção do nome pentecostal no título da igreja, parece caracterizar a necessidade de diferenciação daquele movimento das demais igrejas pentecostais históricas. Também aponta a pouca compreensão histórico-teológica e intelectual de certos líderes, já que, demais igrejas históricas no Brasil classificadas como pentecostais, tradicionais e neopentecostais, não se intitulam e não se autodenominam em sua razão social as suas “classificações eclesiológicas”.

Há também aquelas que não chegam a inserir o nome pentecostal no seu registro social, contudo, ao permanecer com seus “nomes históricos”, inserem terminologias de identificação e compreensão com o meio pentecostal atual. Exemplo; ...do “ministério do Fogo”, do “ministério Pentecostal”, “Labaredas”, “Fogo Santo” etc.

Nesse mesmo sentido, os adeptos do protestantismo pentecostal atual, procuram usar terminologias para marcar sua posição para além do pentecostalismo clássico. Termos como “eu sou canela de fogo”, “ré-te-té de jeová”, “varão de fogo”, “varoa de fogo”, “roda de fogo”, etc., parece-nos querer legitimar e evidenciar tal comportamento e posição.

A maioria dos estudiosos e pesquisadores da religião embalam o pentecostal atual com a capa do neopentecostalismo. Na realidade, o novo pentecostal, aquele cunhado pelo neopentecostalismo, não se encaixa nas exigências mínimas do movimento neo. Falando dos neopentecostais, Alencar (2005), diz que até mesmo o considerado pentecostalismo clássico, antes tão aguerrido, entrou na defensiva.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fim de fundamentarmos as hipóteses apresentadas neste trabalho, corroborando as discussões elencadas neste anterior capítulo, foram realizadas três pesquisas distintas, com três grupos também distintos.

A primeira, realizada com um grupo de quarenta e três (43) pessoas entre os dias 25/03/2021 e 30/04/2021, com fiéis das igrejas Assembleia de Deus, Igreja Batista, Batista do Calvário, Igreja Metodista, Igreja Congregacional, Igreja Presbiteriana e demais igrejas neopentecostais, nos municípios de Niterói e São Gonçalo. 53,5% dos entrevistados com idade acima de cinquenta anos, 30,2% entre 35 a 50 anos e 16,3% de 25 a 35 anos, conforme gráfico:

6.1 PESQUISA 01, GRUPO 01

Gráfico 1: Idade dos Entrevistados

6- QUAL A SUA IDADE?

43 respostas

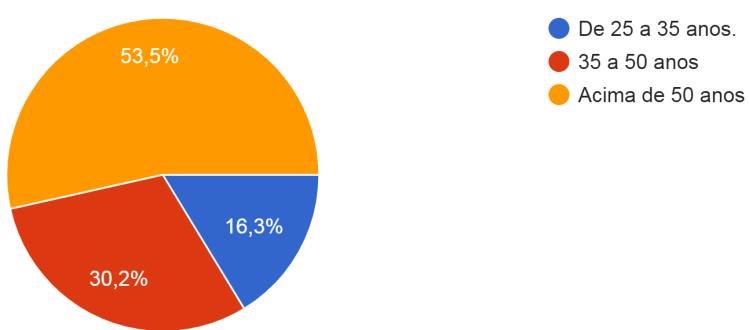
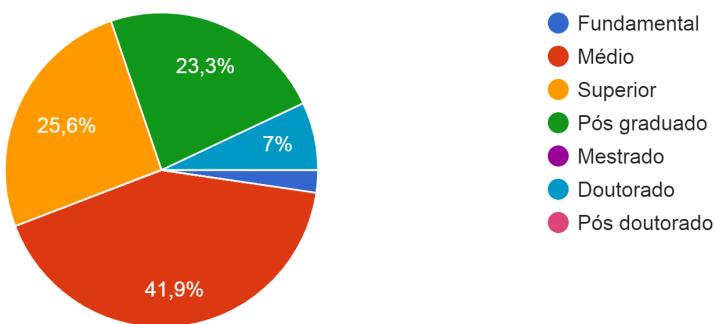


Gráfico 2: Escolaridade

2- QUAL A SUA ESCOLARIDADE?

43 respostas



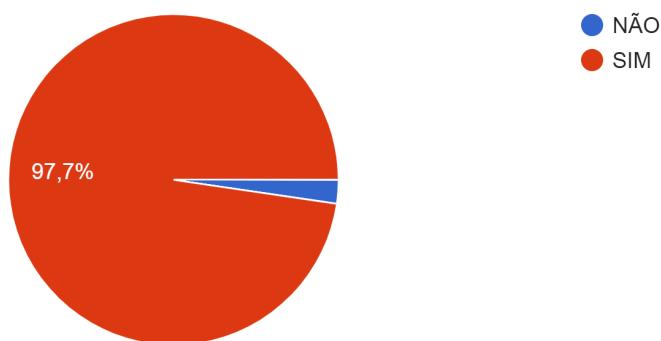
Como podemos perceber nos gráficos 1 e 2, a maioria dos entrevistados têm idade acima dos 50 anos e 41,9% deles possuem o Ensino Médio, 25,6% o Ensino Superior, 7% o Doutorado, e 2,3% o Nível Fundamental.

A pesquisa visa caracterizar os cultos nas igrejas pentecostais atuais, conforme se segue e sinalizam os seguintes dados:

Gráfico 3: Já ouviram falar em Reteté

1- VOCÊ JÁ OUVIU FALAR NO MOVIMENTO DO "RETETÉ" ?

43 respostas



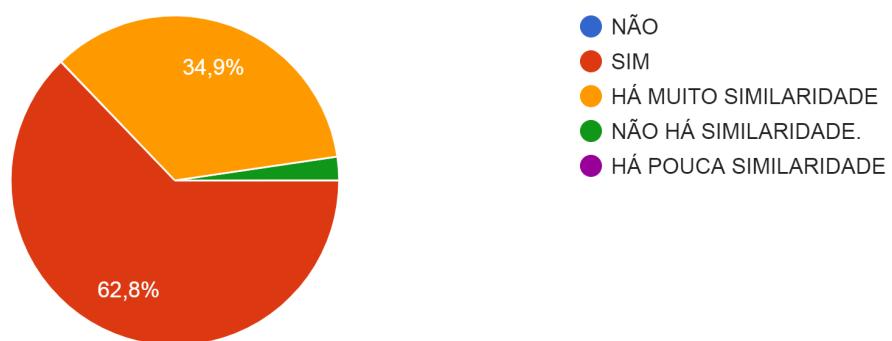
Na pergunta: "Você já ouviu falar no movimento do "re-te-té ``?", 97,7 % dos entrevistados revelaram já ter ouvido falar do movimento e apenas 2,3% disseram

não conhecer. Isso revela que maioria esmagadora dos evangélicos na região de São Gonçalo e Niterói, “conhecem” o movimento.

Gráfico 4: Pentecostal x Umbanda

2- COM RELAÇÃO AOS VÍDEOS DOS CULTOS CHAMADOS PENTECOSTAIS, VOCÊ VÊ SIMILARIDADE COM OS CULTOS DA UMBANDA?

43 respostas

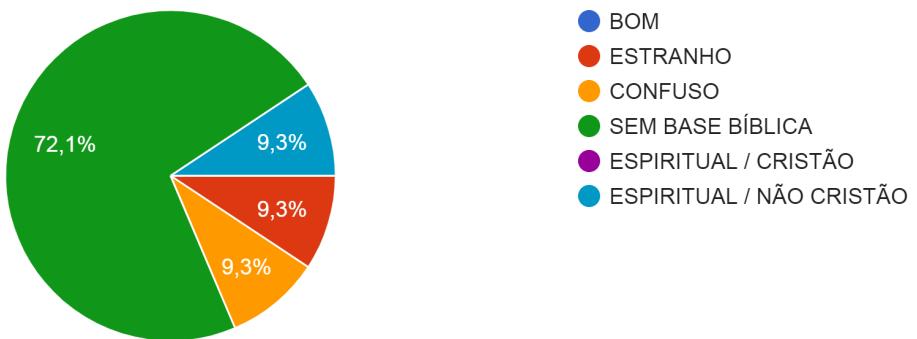


Com relação aos vídeos apresentados na pesquisa, 62,8% dos entrevistados disseram que há similaridade aos cultos da umbanda; 34,9% disseram que há muita similaridade; 2,3% disseram não haver similaridade. Deste modo, observamos que a maioria dos entrevistados concordaram que os cultos da umbanda são parecidos com os cultos de certas igrejas pentecostais.

Gráfico 5: Opinião quanto ao movimento

3- O QUE VOCÊ ACHA DESSE MOVIMENTO?

43 respostas

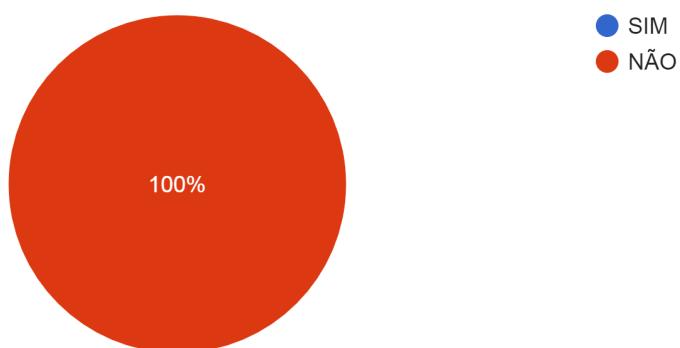


Quando perguntados sobre o movimento observado, 72,1% disseram não ser bíblico; 9,3% disseram ser um movimento estranho; 9,3% também disseram ser um movimento confuso; 9,3% disseram ser um movimento espiritual, mas não cristão. Assim, a pesquisa revela que o movimento não é aprovado ou comum entre os evangélicos.

Gráfico 6: Embasamento Bíblico

4- VOCÊ VÊ ALGUMA PASSAGEM BÍBLICA QUE EMBASE O MOVIMENTO COMO BÍBLICO?

43 respostas

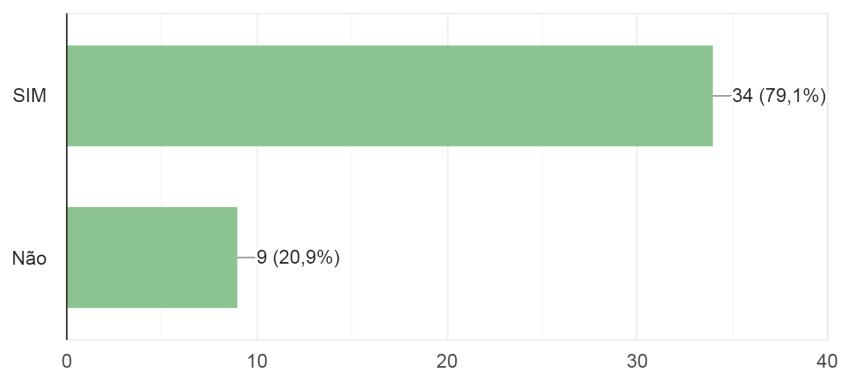


Perguntados se havia base bíblica para o movimento, 100% disseram não ver base bíblica para o movimento. Aqui, foi perguntado de forma mais enfática, a respeito do movimento e a totalidade afirmou não haver base bíblica, referendando a

questão anterior, onde abria algumas opções nas respostas, conforme questionário que segue em anexo na pesquisa.

Gráfico 7: Conhece alguma igreja ou denominação praticante?

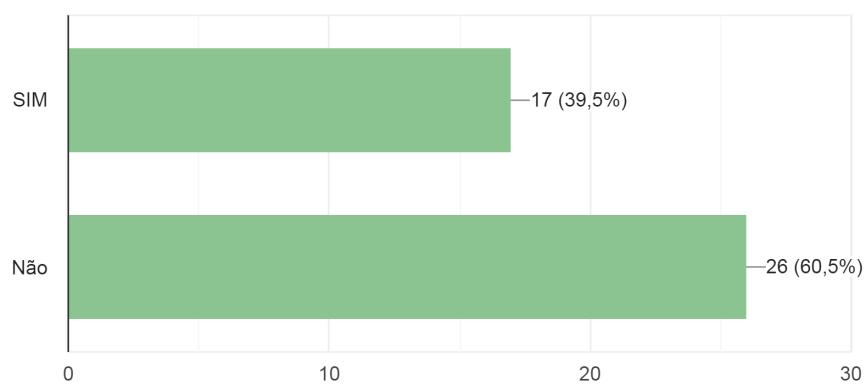
6- VOCÊ CONHECE ALGUMA IGREJA OU DENOMINAÇÃO QUE APRESENTE TAL MANIFESTAÇÃO?
43 respostas



Perguntados se conheciam alguma igreja ou denominação que apresentasse tal manifestação, 79,1% disseram conhecer denominações que apresentam o comportamento; 20,9% disseram não conhecer. Mais uma vez, como na pergunta inicial, fica evidenciado que a maioria conhece o movimento do qual a pesquisa trata.

Gráfico 8: Frequentia ou já foi visitar?

7- VOCÊ JÁ FOI OU FREQUENTA ALGUMA IGREJA OU DENOMINAÇÃO QUE APRESENTA ESSE MOVIMENTO?
43 respostas

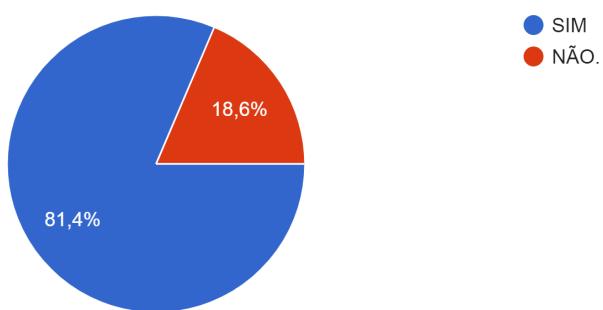


60,5% disseram nunca ter ido ou frequentado uma igreja onde se apresenta o movimento ré-té-té; 39,5% disseram que sim. Isto revela que apesar de conhecerem o movimento, a maioria rechaça o movimento.

Gráfico 9: Pregadores e cantores com tais manifestações e práticas

8- VOCÊ VÊ A ENTRADA DE CANTORES, GRUPOS MUSICAIS E PREGADORES QUE MANIFESTAM TAIS PRÁTICAS EM NOSSAS IGREJAS, NOS DIAS ATUAIS?

43 respostas

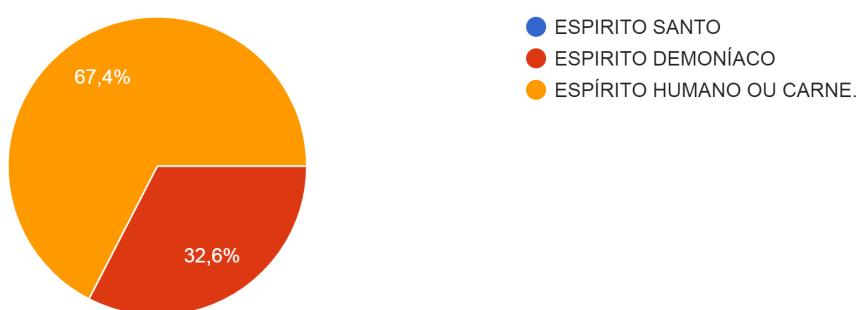


81,4% disseram que nos dias atuais grupos musicais e pregadores manifestam tais práticas em nossas igrejas; 18,6% disseram que não; revelando que apesar de uma maioria rechaçar o movimento, essa maioria tem presenciado pregadores e cantores propagando o movimento entre as igrejas.

Gráfico 10: Qual Espírito?

9- EM SUA OPINIÃO, EVANGÉLICOS QUE MANIFESTAM TAIIS AÇÕES (MOSTRADA NO VÍDEO 2) ESTÃO SOB AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO, ESPIRITO...EMONÍACO OU É O ESPÍRITO HUMANO OU CARNE?

43 respostas

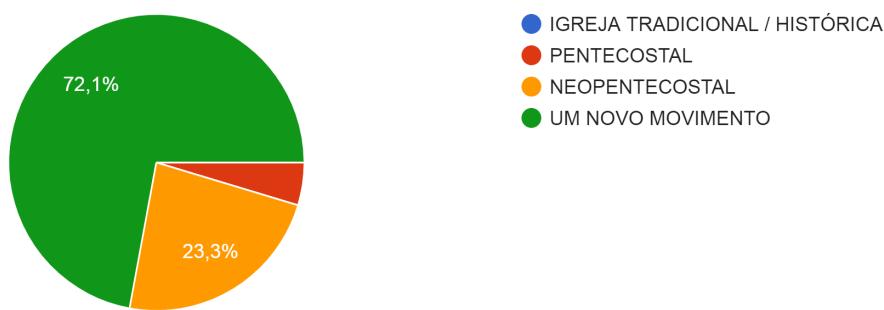


67,4% disseram que o movimento é uma ação carnal, 32,6% disseram ser ação demoníaca e **0% disseram ser ação do Espírito Santo.** Isso mostra que a

totalidade dos entrevistados não vinculam as manifestações do movimento com Deus.

Gráfico 11: Enquadramento da Igreja ou Denominação

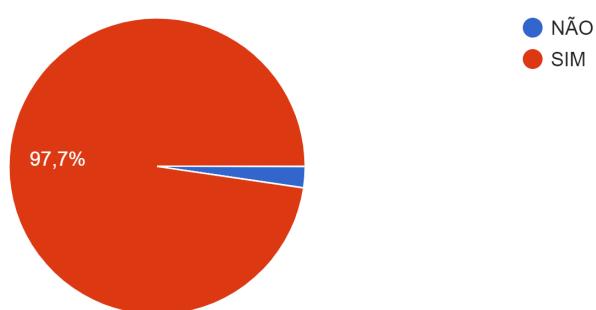
10- COMO VOCÊ CLASSIFICARIA A IGREJA OU DENOMINAÇÃO DO VÍDEO APRESENTADO?
43 respostas



72,1% disseram ser um novo movimento; 23,3% disseram ser um movimento neopentecostal, **4,7% disseram ser um movimento pentecostal** e 0% disseram ser um movimento histórico; o que aponta e reforça a tese desta pesquisa, trata-se de um movimento novo, oriundo do pentecostalismo.

Gráfico 12: Pentecostalismo original e nos dias de hoje

11- NO VÍDEO (01) O PALESTRANTE DIZ QUE OS VERDADEIROS PENTECOSTAIS NÃO MANIFESTAVAM TAIS COMPORTAMENTOS DO "PENTECOSTALISMO" ATUAL. VOCÊ CONCORDA?
43 respostas



97,7% disseram que os verdadeiros pentecostais não manifestam tais comportamentos do "pentecostalismo" atual, apenas 2,3% disseram que não; o que também reforça a questão anterior.

Desta forma, podemos sinalizar que: 97,7 % dos entrevistados revelaram já ter ouvido falar do movimento do ré-té-té e 79,1% destes, disseram conhecer denominações que apresentam o comportamento. 81,4% dos entrevistados, disseram que grupos musicais e pregadores manifestam tais práticas em nossas igrejas hoje. 62,8% disseram haver similaridade aos cultos da umbanda. 0% disseram ser ação do Espírito Santo e 72,1% disseram que o fenômeno não é bíblico. 100% disseram não ver base bíblica para o movimento. 60,5% diz não frequentar uma igreja onde se manifeste o fenômeno do ré-té-té e 97,7% disseram que os verdadeiros pentecostais não manifestam tais comportamentos do "pentecostalismo" atual **e finalmente 72,1% disseram ser um novo movimento, atestando a sinalização desta pesquisa.**

6.2 PESQUISA 02, GRUPO 02

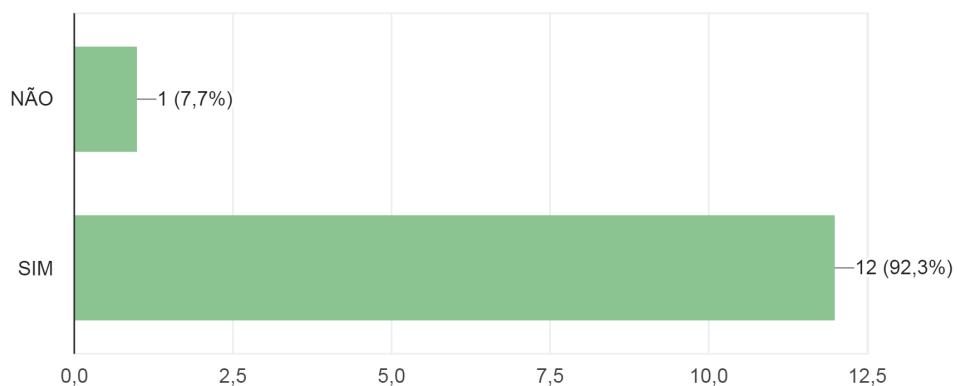
A **segunda pesquisa** foi realizada com um grupo de treze (13) professores, especialistas em teologia, sociologia, e ciências da religião, entre os dias 03/04/2021 e 05/05/2021. Dos entrevistados, 23,1% pertencentes à igreja batista, 14,4% às Assembleias de Deus, 15,4% à igreja congregacional, 23,1% à Igreja Presbiteriana, 15,4% à Igreja Metodista. Demais denominações correspondem a 7,7% dos entrevistados, nos municípios de Niterói e São Gonçalo.

84,6% dos entrevistados tinham idade acima de cinquenta anos, 15,4% entre 35 a 50 anos. 7,7% deles, com pós-doutorado, 15,4% com doutorado, 30,8% com mestrado e 30,8% pós-graduados. A pesquisa-entrevista, como a anterior, visa identificar e caracterizar os cultos nas igrejas pentecostais atuais, conforme as respostas que se seguem e sinalizam os seguintes dados:

Gráfico 13: Conhecimento sobre o grupo reteté

1- VOCÊ JÁ OUVIU FALAR NO MOVIMENTO DO "RETETÉ" ?

13 respostas

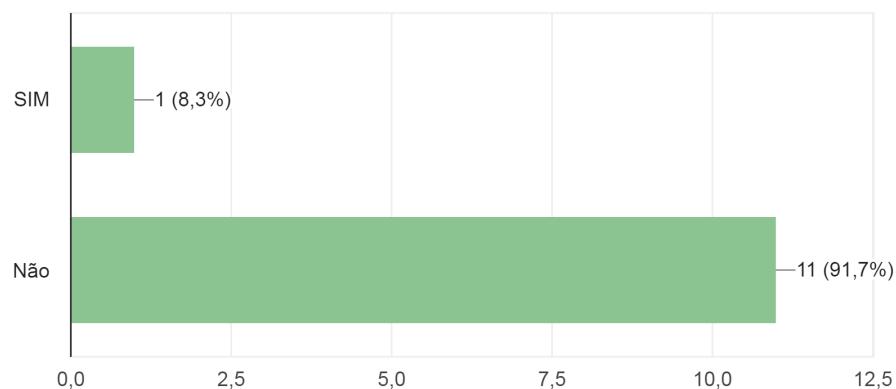


92,3% disseram já ter ouvido falar do movimento do ré-té-té, e apenas 7,7% disseram não conhecer, nos mostrando que tanto em grupos de indivíduos leigos, como naqueles com conhecimento na área, ambos conhecem o fenômeno observado entre os pentecostais.

Gráfico 14: Já fez ou faz parte?

2- VOCÊ JÁ FEZ/FAZ PARTE DE ALGUMA COMUNIDADE COM SIMILARIDADE AO VÍDEO APRESENTADO?

12 respostas



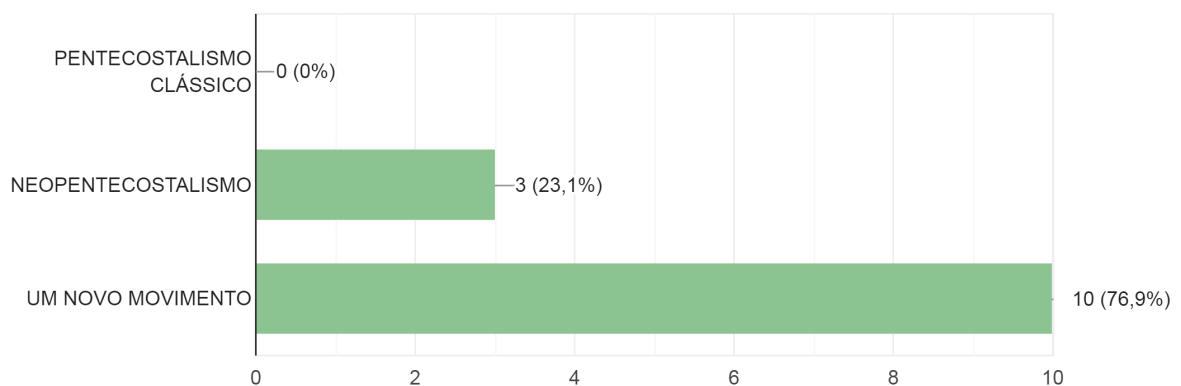
91,7% disseram nunca ter feito parte de comunidade evangélica com similaridades ao vídeo apresentado e apenas 8,3% disseram ter feito parte, podendo

revelar que leigos foram mais partícipes do movimento que indivíduos com o conhecimento na área.

Gráfico 15: Impressão do Vídeo

5- REFERINDO-SE AO PARÁGRAFO ACIMA E CULTO APRESENTADO NO VÍDEO, COMO VOCÊ CLASSIFICARIA ESTE MOVIMENTO?

13 respostas

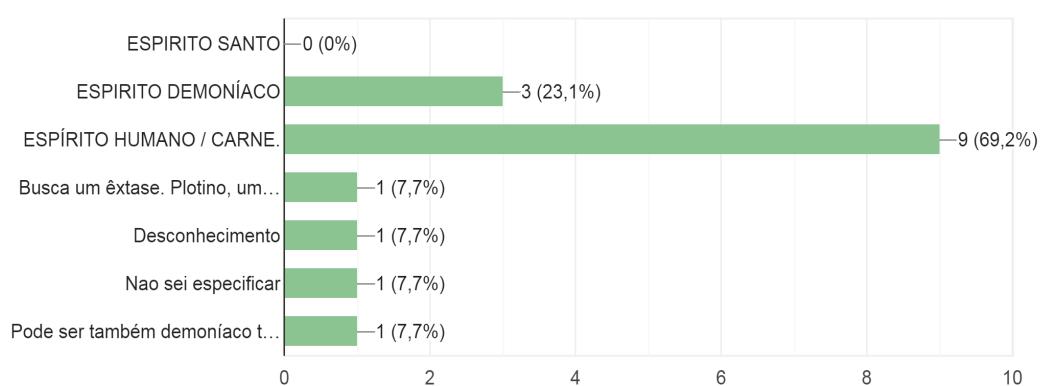


Perguntados como classificariam o fenômeno observado, **76,9% disseram ser um novo movimento**. 23,1% classificaram de neopentecostalismo e 0% disseram tratar-se do pentecostalismo clássico. **Mais uma vez a tese de ser um novo movimento, dentro do pentecostalismo, aqui é reforçada.**

Gráfico 16: Qual Espírito Opera?

9- INDEPENDENTE DA VOLUNTARIEDADE HUMANA, EM SUA OPINIÃO, EVANGÉLICOS QUE MANIFESTAM TAIS AÇÕES (MOSTRADA NO VÍDEO) ESTÃO SOBRE A AÇÃO DO:

13 respostas

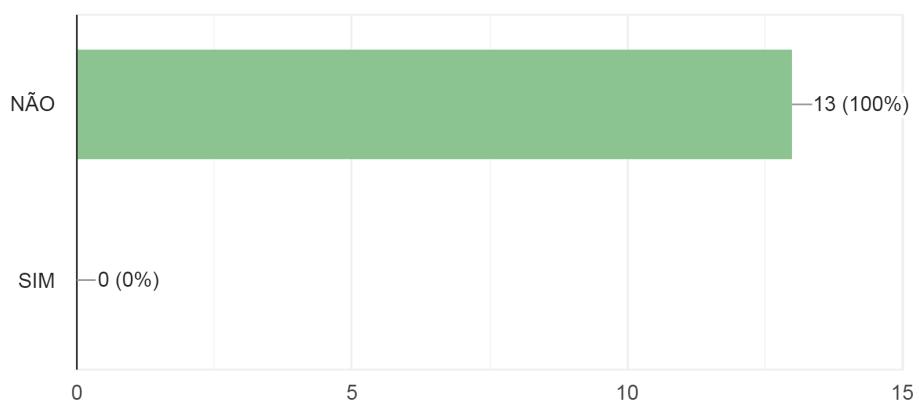


69,25% admitiram ser manifestações da carne ou do espírito humano, contudo, 23,15% dos entrevistados admitiram que evangélicos que manifestam práticas semelhantes ao vídeo apresentado, podem estar sob ação de espírito demoníaco. Apesar da maioria creditar à carne as ações apresentadas no movimento, uma porcentual significativa acredita que seja por ação de demônios ou espíritos maus. Cabe-nos acender uma luz amarela quanto a questão, pois todos os entrevistados não creditaram ao Espírito Santo o fenômeno apresentado.

Gráfico 17: Ocorrência e distribuição dos cultos

10- EM SUA OPINIÃO, O CULTO APRESENTADO NO VÍDEO PODE SER ENCONTRADO EM TODAS AS DEMAIS IGREJAS PENTECOSTAIS DE NITERÓI E SÃO GONÇALO?

13 respostas

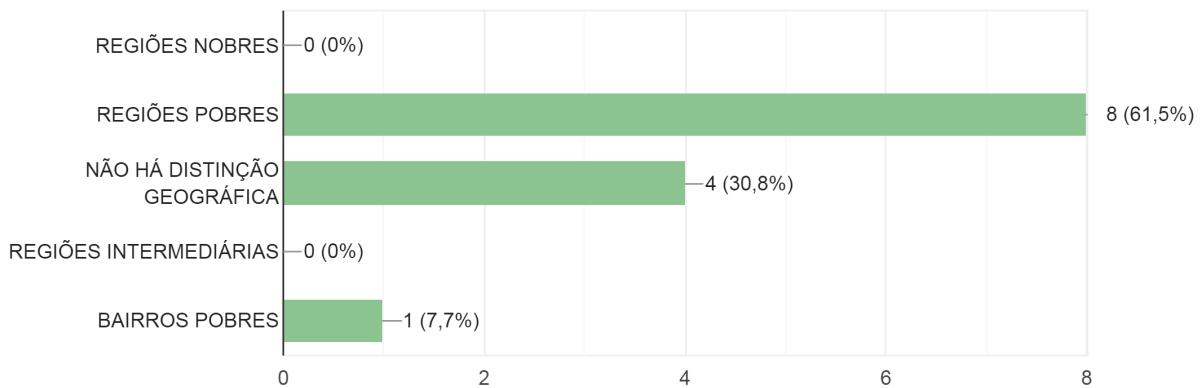


100% dos entrevistados disseram que o culto apresentado no vídeo não é encontrado em todas as demais igrejas pentecostais de Niterói e São Gonçalo. Isto pode evidenciar que o fenômeno é particularizado, logo, não é comum às igrejas pentecostais.

Gráfico 18: Regionalização dos cultos

11- EM QUAIS REGIÕES DE NITERÓI E SÃO GONÇALO, EM SUA OPINIÃO, O CULTO APRESENTADO NO VÍDEO É MAIS FREQUENTEMENTE ENCONTRADO?

13 respostas



61,5% disseram ser característico de regiões pobres. Isso reforça a tese de que o movimento é mais propício às regiões mais carentes da cidade de Niterói e São Gonçalo e que nem todas as igrejas pentecostais nesta delimitação, apresentam o fenômeno.

O questionário também possibilitou respostas discursivas, e quando perguntados referente aos cultos pentecostais do vídeo, as respostas foram variadas; destacamos algumas aqui: “Uma mistura de pentecostalismo com umbandismo”; “Respeito toda forma de religiosidade”; “Exemplo de idiossincrasia”; “Uma plena distorção do evangelho vivo de Jesus Cristo”; “É um culto voltado para o emocionalismo. Não acrescenta nada em termos de Palavra de Deus”; No mínimo estranho, foge à ortodoxia da palavra bíblica. Não é cristianismo”; “Muito parecido com os cultos das religiões afro”.

Do mesmo modo, foi também perguntado ao segundo grupo mais específico na área, se aprovam ou rechaçam o culto apresentado no vídeo, frente aos fundamentos bíblicos. A grande maioria dos entrevistados discursivamente reprovaram, frisando a questão do culto racional e a ordem recomendada nas cartas paulinas. Perguntados se conhecem líderes que convidam cantores ou pregadores que promovem movimentos semelhantes ao vídeo apresentado, a maioria em suas respostas disse conhecer e se mostraram contrários à prática desta liderança.

Foi perguntado discursivamente: Quais fundamentos bíblicos você usaria para aprovar ou rechaçar as práticas destes cultos? As respostas foram variadas e destacamos algumas delas a seguir:

[...] “Nenhum. Como disse, não conheço o movimento. Não sei se nega dogmas cristãos”;

[...] “Nos últimos dias as pessoas dariam ouvidos a doutrina de demônios. Também o apóstolo Paulo falou a respeito da Ordem no culto!”;

[...] “A Bíblia na sua totalidade é o fundamento em si. O movimento é um absoluto sincretismo. Neste sentido, o evangelho exige pureza na sua estrutura. O A.T. sugere sincretismo religioso como abominação aos olhos de Deus.” ;

[...] “Cultos estranhos e sincretismo.”;

[...] “A Bíblia nos chama a fazer um culto racional. E não encontramos isso nesses cultos.”;

[...] “Acredito que todo culto prestado a Deus deve ser racional e organizado, diferente do que assisti no vídeo. Para embasar poderia citar I Coríntios 14. 26-40.” ;

[...] “Rm 12.1-2: Culto racional e não conformação aos padrões do mundo; 1 Co 14.33,40: embora esteja trabalhando sobre exercício dos dons espirituais, aplica-se a outros contextos quando afirma não ser Deus um Deus de confusão e sobre a maneira como se deve servir a Deus e prestar-Lhe culto. A música deve conter verdades bíblicas e fomentar a verdadeira adoração, conforme Cl 3.16; Ef 5.19; Hb 13.15.” ;

[...] “Romanos 12.1 “Um culto racional, com entendimento, e não com emoção, um culto com ordem e decência. 1º Coríntios 14”;

[...] “Os Verdadeiros adoradores. Adoram ao Senhor em Espírito e em verdade.”;

[...] “Poderíamos pensar em Amós 5:23”;

[...] “O foco de cada culto ao Senhor deve ser a pessoa de Jesus Cristo, tudo é dEle, por Ele e para Ele (Rm 11.36). Tudo que fazemos no culto deve ser voltado a Cristo, Ele é o ÚNICO

mediador entre Deus e homens, aquele que teve Seu nome elevado acima de todo nome, no céu, na terra e debaixo da terra (Fp 2.9; 1 Tm 2.5).";

[...] "Creio que Paulo defendia o culto racional. Não vejo relatos de tais práticas, porém, vejo Paulo disciplinando os crentes por causa dos cultos aos idosos e a contaminação da Igreja".

A pesquisa-questionário discursivo prossegue e procura analisar a seguinte fala de um determinado pastor: [...] "Muitos daqueles demônios que atuavam em determinados centros espíritas migraram, sem problemas para algumas igrejas chamadas pentecostais." Qual a sua opinião a esse respeito? Nesta questão foi coletada as seguintes respostas:

[...] "Afirmação descabida. Não se deve falar dessa forma.";

[...] "Concordo";

[...] "Uma afirmação ousada. Mas, não impossível de acontecer. O Reino quando chega se manifesta agressivo aos demônios e isso tem se extinguido";

[...] "Vejo com reservas, pois é necessário discernir os espíritos";

[...] "Não há propriedade para afirmar isso";

[...] "Não concordo com essa fala, porque igreja é a Casa do Senhor, então onde Deus reina demônio não está";

[...] "É possível, sim";

[...] "Concordo";

[...] "Concordo";

[...] "Eu fui espírita na minha juventude até os 16 anos. E quando vi o vídeo pensei ser um culto espírita. Porque vi muito esses tipos de danças e roupas e músicas nos terreiros que frequentei";

[...] "Tal afirmação é muito relativa. Não é condição a prática pseudopentecostalista, para que se manifestem obras diabólicas";

[...] “Discordo, se isso está ocorrendo em algum local, este não é igreja”.

[...] “Concordo que algo desse tipo deve estar acontecendo”.

Em outro momento da pesquisa os participantes deste segundo grupo de entrevistas, foram convidados a comentar a seguinte fala: [...] *Antes do neopentecostalismo, ser pentecostal tinha uma “definição”.*

Após décadas de neopentecostalismo, ser pentecostal soa diferente. O primeiro (pentecostalismo), nada têm em comum com o atual, só o nome! Chama atenção neste “novo fenômeno” protestante (se podemos chamar protestantismo), a similaridade com as religiões de matriz afro. Há necessidade de cantos e ritmos próprios e equivalência na ginga coreográfica. Indumentárias especiais de determinados indivíduos, parecem apontar níveis espirituais. O “novo culto pentecostal” assemelha-se incrivelmente mais aos cultos de religiões que outrora foram combatidos veemente por estes. Há um distanciamento para com as demais denominações protestantes, e cada vez mais a aproximação e assimilação de práticas rituais das religiões de matriz afro - a Umbanda, em especial.

O pentecostalismo atual é antagônico ao pentecostalismo clássico e ao movimento neopentecostal ``. Você concorda ou discorda do posicionamento deste parágrafo? por que? Segue abaixo as seguintes repostas:

[...] “Na verdade, não concordo. O pentecostalismo não é o que se chama de neopentecostalismo. O pentecostalismo hoje é histórico.”;

[...] “Concordo plenamente! ”;

[...] “Concordo.”;

[...] “Discordo. É um fenômeno, e como tal, precisa ser estudado.”;

[...] “Concordo. Porque é exatamente o que penso.”;

[...] “Eu concordo, porque percebemos essas similaridades no próprio vídeo sugerido acima.”;

[...] “Concordo. Expressa a realidade dos fatos.”;

[...] “Concordo”;

[...] “Concordo”;

[...] “Concordo. O pentecostalismo vejo como algo sério e bíblico. Mas este neopentecostalismo é tudo menos adoração ao Senhor nosso Deus. Chega ser absurdo e distorcido da do verdadeiro culto ao Senhor Jesus”.

[...] “Concordo. É perceptível a idiossincrasia resultante de práticas de matriz religiosa africana”;

[...] “Concordo, argumentos básicos coerentes;

[...] “Concordo. Após assistir aos vídeos, acho bem parecido”.

Desse modo, o segundo grupo da pesquisa, em quase 100%, declarou conhecer o fenômeno do ré-té-té. O resultado obtido apontou que eles conhecem igrejas que manifestam o movimento e sinalizaram não aprovar. Mais de 90% dos entrevistados disseram não fazer parte de igreja com estas características císticas. A totalidade dos entrevistados não creditam ao Espírito Santo a manifestação pesquisada, sinalizando também a hipótese apresentada nesta pesquisa. Cabe aqui frisar que os dois grupos não reconhecem ser um movimento do Espírito Santo e também os dois grupos disseram se tratar de um novo movimento.

6.3 PESQUISA 03, GRUPO 03

O terceiro grupo da pesquisa foi realizada com dezesseis (16) pessoas, pertencentes a Umbanda, entre os dias 27/03/2022 e 11/04/2022. Dos entrevistados, 37,5% com curso superior, 25,1% pós graduados, e 15,4% com nível médio de escolaridade, nos municípios de Niterói e São Gonçalo.

50% dos entrevistados com idade acima de cinquenta anos, 37,5% entre 35 a 50 anos e 12,5% entre 25% a 35%. A pesquisa-entrevista, como a anterior, visa identificar e caracterizar os cultos nas igrejas pentecostais atuais, conforme as respostas que se seguem e sinalizam os seguintes dados:

1- VOCÊ JÁ OUVIU FALAR NO MOVIMENTO DO "RE-TE-TÉ" , DE ALGUMAS IGREJAS PENTECOSTAIS?

16 respostas



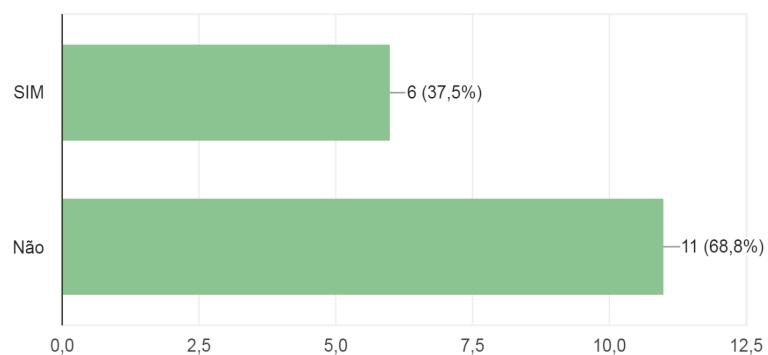
Gráfico 19: Conhece o movimento reteté?

Na pergunta: “Você já ouviu falar no movimento do “re-te-té”?", 50% dos entrevistados dentre os adeptos da religião umbandista, revelam já ter ouvido falar do movimento e 50% disseram não conhecer, ou seja, metades deles já ouviram falar e a outra metade não.

Gráfico 20: Já fez parte de alguma Igreja Evangélica?

2- VOCÊ JÁ FEZ PARTE DE ALGUMA IGREJA EVANGÉLICA ?

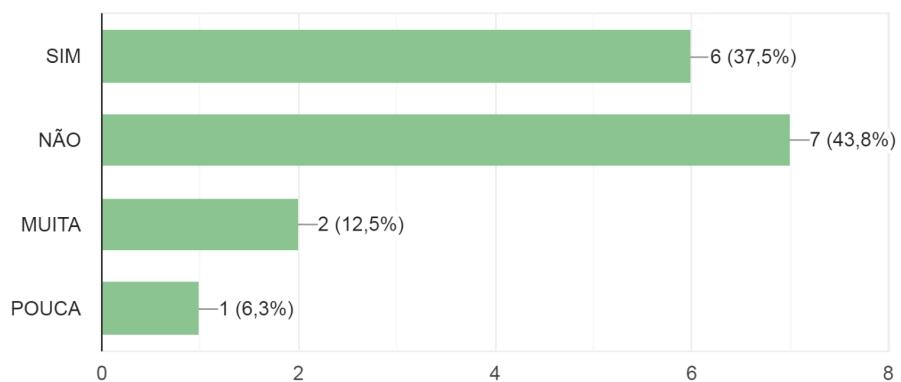
16 respostas



37,5% dos entrevistados já pertenceram a uma igreja evangélica e 68,8% não fazem parte de qualquer igreja e dentre aqueles que já pertenceram a uma igreja, o maior tempo foi de 05 anos.

Gráfico 21: Viu similaridade com a Umbanda?

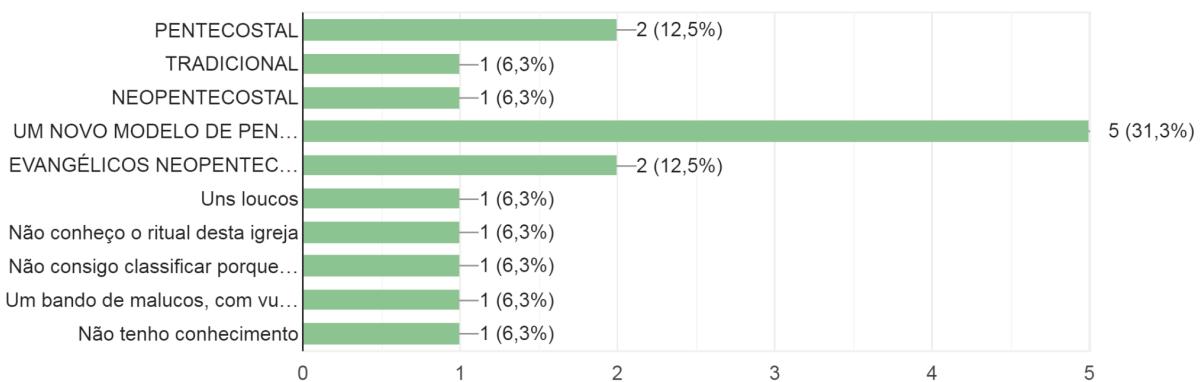
4- VOCÊ VÊ SIMILARIDADE NO VÍDEO COM AS REUNIÕES DA UMBANDA?
16 respostas



Ao contrário dos grupos anteriores, 43,8% dos entrevistados na umbanda não veem semelhança com os cultos da umbanda no vídeo apresentado. 37,5% viram semelhança, e 12,5% veem muita semelhança. De qualquer modo, somados, a maioria viu semelhança ou muita semelhança.

Gráfico 22: Classificação dos Pentecostais

5- COMO VOCÊ CLASSIFICARIA ESTES PENTECOSTAIS DO VÍDEO?
16 respostas

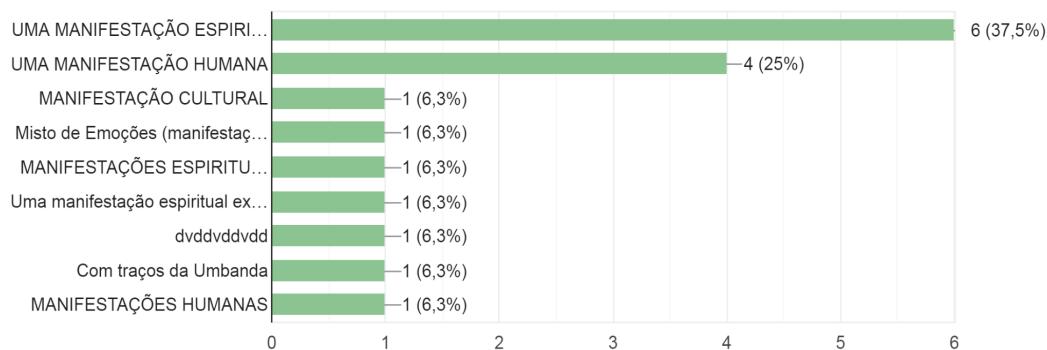


Como podemos observar, o gráfico aponta que a maioria dos entrevistados veem o movimento como um novo modelo de pentecostalismo, sinalizando que conseguem identificar a diferenciação dos demais modelos pentecostais.

Gráfico 23: Manifestação de que natureza?

6- QUAL A SUA OPINIÃO FRENTE AO ÊXTASE LITÚRGICO COLETIVO APRESENTADO NO CULTO DO VÍDEO?

16 respostas



A maior parte dos entrevistados reconhecem ser uma manifestação espiritual a liturgia do culto, em contrapartida, 25% dizem ser uma manifestação natural ou carnal.

Gráfico 24: Atuação de Divindades ou Espíritos da Umbanda

7- EM SUA OPINIÃO, DIVINDADES E OU ESPÍRITOS DA UMBANDA ATUAM EM CULTOS PENTECOSTAIS E VICE-VERSA?

16 respostas

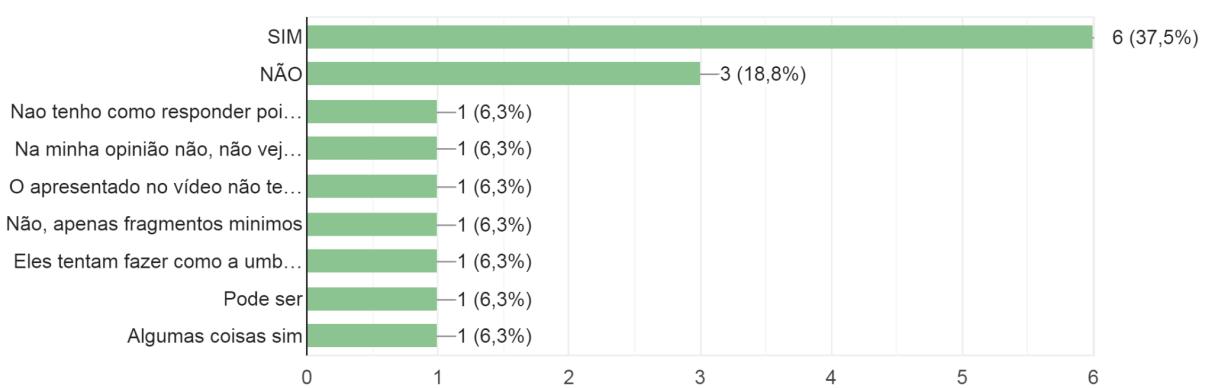


Quanto à atuação de espíritos da Umbanda na igreja e vice-versa, 31,3% deles admitem que ocorre, contudo, outros 31,3% dizem que não. E quase a mesma proporção disseram que talvez ocorra. Dessa forma, somados os “talvez” e os “sim” neste gráfico, prevalece a probabilidade de acontecer o fato.

Gráfico 25: Rituais da Umbanda em Cultos

08- EM SUA OPINIÃO, IGREJAS PENTECOSTAIS APODERAM-SE DE RITUAIS DA UMBANDA EM SEUS CULTOS?

16 respostas

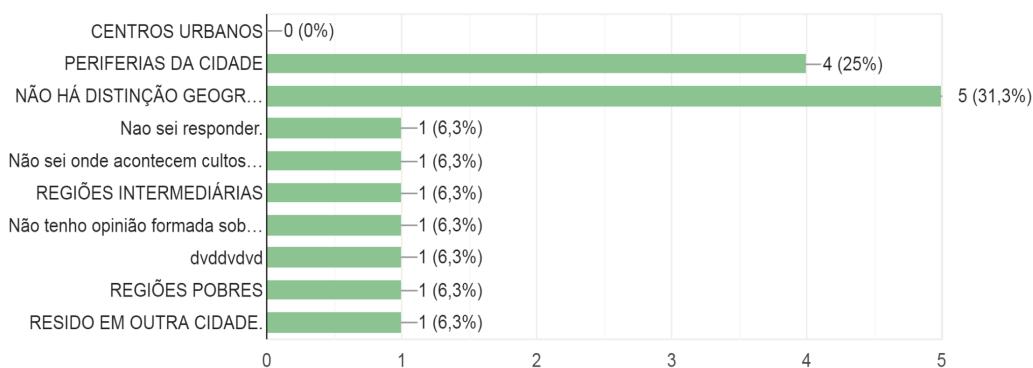


A maior parte dos entrevistados deste grupo disseram que igrejas pentecostais se apoderaram de rituais da umbanda, correspondendo a 37,5%, e apenas 18,8% disseram não ocorrer.

Gráfico 26: Regionalização das práticas císticas

09- EM SUA OPINIÃO, QUAIS REGIÕES DE NITERÓI E SÃO GONÇALO ACONTECEM COM MAIS FREQUÊNCIA OS CULTOS PENTECOSTAIS COM TRAÇOS DE CULTOS DA UMBANDA?

16 respostas



Em que pese 31,3% dos entrevistados não verem distinção geográfica para a manifestação litúrgica do vídeo, uma quantidade considerável deles (25%), disseram que o fenômeno é característico das periferias da cidade.

Nesta pesquisa entre os religiosos da umbanda, foi facultado opinarem livremente, e dentre eles, seguem algumas falas, sem correção na ortografia:

[...] “O culto apresentado é uma manifestação religiosa singular, pois não possui relação alguma com os fundamentos da Umbanda. O referido ritual do vídeo parece um encontro de pessoas que estão em uma espécie de "transe", embalados por música, para de alguma forma trazer boas energias e paz interior para os integrantes.”

[...] “Acho que eles tinha que ter um bom-senso e assumir que trabalham com a parte espiritual, mas não tente envergonhar o espiritismo sejam mais doutrinados e fala-se a verdade sobre o assunto e o fundamento de tanto escândalo.”

[...] “Independente de qualquer religião, deveremos ter respeito pela Umbanda, pq a Umbanda é paz e amor!”

[...] “Entendi no vídeo que houve manifestação de espíritos que podem ser do bem ou do mal.”

Ainda nesta pesquisa, a fim de exemplificar semelhanças visionárias dos fenômenos pentecostalismo e umbanda, transcrevemos abaixo comentários espontâneos, de domínio público, retirados diretamente do canal Tata Lopparga-Youtube - “De evangélica a umbandista”. Os comentários extraídos e apresentados abaixo, seguem conforme sua escrita original, não sendo editados possíveis erros na ortografia e demais.

Comentário 1

[...] “Vou contar uma história ótima KKKK

Minha mãe de santo vai a igreja evangélica as vezes, pq gosta msm. Um dia estava no meio de um desses cultos do povo falando em línguas e tau (desculpa n conheço MT) e veio o caboclo chefe do terreiro e incorporou nela, simplesmente porque ele quis, começou a falar KKKK caboclo é índio, fala e

ninguém entende né, levaram ela pro altar e o povo dando glória a Deus, dizendo que ela é abençoada pelo senhor (realmente é), que era o espírito santo KKKKKKK eu amo essa história, imaginem a cena cara”.

Comentário 2

[...] “Conheço uma história de uma senhora que saiu da Umbanda e se tornou Evangélica. Na igreja onde ela passou a congregar, ela se desdobraava e junto com o Caboclo Pena Branca faziam o encaminhamento dos espíritos. Com isso percebemos que os espíritos eles trabalham em qualquer lugar, não importa o segmento religioso.”

Comentário 3

[...] “Nasci em berço evangélico, hoje sou candomblecista-umbandista. Fiquei 17 anos na igreja assembleia de Deus, falava em línguas, rodava com as mãozinhas para trás e muito mais. Hoje eu percebi que a energia que emanava em mim quando eu falava em línguas na igreja é a mesma energia que eu sinto hoje quando incorporo um baiano, por exemplo. Tem dois anos que estou no candomblé e na umbanda. Todos devem se respeitar. Respeitem o nosso asé. Kaviungo lhe abençoe, Tata. Continue emanando essa luz que você tem ”

Comentário 4

[...] “Eu acredito que muitos pastores tenham essa consciência de que são entidades, mas não dizem por uma questão social ou familiar do tipo "o que é que eu vou dizer lá em casa" ou "o que é que eu vou dizer para os fiéis da igreja. Baixam as entidades mas não tem a doutrina e mesmo assim praticam a caridade. Eu já morei vizinho à igreja evangélica e já ouvi muito brado de Caboclo e muita entidade trabalhando nos cultos. Tinham fiéis que iam pedir arruda e guiné do meu quintal para fazer banhos, diziam que o pastor que falava que era bom. Ele destacava algumas pessoas para fazer uma limpeza espiritual

no meio da semana à tarde quando a igreja estava vazia, era um descarrego, aí sim se ouvia os guias trabalhando. Os líderes não admitem por uma questão chamada em sociologia de etnocentrismo (quando o grupo quer ser a origem e o centro de tudo)."

Comentário 5

[...] "No livro de apocalipse está escrito que há sete Espíritos de Deus é na umbanda há sete orixás, orixás energias emanadas por Deus, o dom da revelação é igual a forte intuição que os guias traz para o nosso âmago. Irmãos que são arrebatados em espírito durante o sono na umbanda desdobramentos, dom da visão e a mesma clarividência, e pessoas que tem possessão nas igrejas e a mesma coisa de consulente com obssessores. É tudo a mesma coisa só muda o ritual!"

Comentário 6

[...] "fui uma vez a um monte a convite de uma amiga o irmão incorporou o que chamam espírito santo assim que entrou, mudou sua fisionomia e jeito de falar e comandou todo o resto da oração assim como um guia chefe de terreiro, eu como tenho mediunidade percebi que se tratava de um caboclo porém atuando de outra maneira."

Comentário 7

[...] "Tata amei esse video Tata como eu sempre conto aqui fui criada na igreja católica e da adolescência para a fase adulta fui para a evangélica(assembleia de Deus e quadrangular) e sempre percebi isso essa semelhança e sempre achei engraçado o fato deles(evangelicos) discriminarem a incorporação na umbanda sendo que o tal espírito santo também nada mais é do que a incorporação de fato só que sem dar nome aos bois como vc mesmo falou!!!hj conhecendo a umbanda confesso que entendo melhor até a própria igreja evangélica!curioso não?!"

Comentário 8

[...] “Tata amei seu vídeo!(amo todos) Pessoal fiquei 13 anos na congregação cristã no Brasil, falando em línguas, rodando, sapateando, e tudo mais, e hoje voltei pra Umbanda e sou plenamente feliz nela! Grandemente próspero e abençoado! Gratidão a Olorum pelos Seus Espíritos abençoadores (Orixás) e guias Maravilhosos ”

Como podemos ver nos comentários retirados do canal do *youtube* acima identificado, os adeptos da religião da umbanda reconhecem os movimentos aqui tratados nesta pesquisa, como semelhantes aos fenômenos apresentados na umbanda. A maioria dos comentários apontaram que os espíritos atuadores na religião afro são os mesmos que atuam nos movimentos pentecostais, contudo, para eles, na religião afro, os espíritos são identificados separadamente e na religião evangélica, todos são identificados por um só espírito.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, a similaridade pentecostalismo-umbanda demandou elucidações e reflexões, dado a obscuridade do assunto e a sua baixa produção acadêmica. Como visto, a pesquisa partiu da tese apresentada em 2004, que apontou que o pluralismo denominacional brasileiro proporcionou e “instigou” nas denominações, competições múltiplas. Em parte, devido a busca do aprimoramento das ofertas e bônus, e que denominações históricas também foram influenciadas por este fenômeno religioso (SANTANA, 2004).

A caracterização e identificação dos rituais similares a Umbanda, no fenômeno que se observou em determinadas denominações protestantes pentecostais, antagônicos aos primórdios deste, apontam e reclassificam denominações envolvidas no novo protestantismo pentecostal.

A hipótese de um novo protestantismo pentecostal, marginalizado, fruto de camadas não alcançadas e ou assimiladas pelo movimento neopentecostal, é confirmada nos questionários aplicados durante a pesquisa, aqui já conceituado acima, originando uma nova vertente de protestantismo pentecostal em nossos dias, que denominamos pós neopentecostalismo.

A definição do conceito inédito pós neopentecostalismo, foi necessária devido ao uso inadequado do conceito neopentecostal, do conceito pentecostal e do conceito tradicional, o conceito de tradicional nos leva ao período das igrejas batistas, presbiterianas, congregacionais e demais; o conceito de pentecostal nos remete a segunda onda do protestantismo no Brasil, que é representado pelas igrejas Assembleias de Deus, e demais igrejas oriundas deste pentecostalismo clássico; o conceito de neopentecostal remete-nos às igrejas voltadas mais à teologia da prosperidade, como IURD, Igreja da Graça, outras.

O novo modelo pentecostal objeto desta pesquisa, não se encaixa nos demais conceitos acima apresentados. A liturgia cílica apresentada nos vídeos não são encontrados nas igrejas tradicionais, pentecostais clássicas e nem nas neopentecostais.

Além do que, a similaridade encontrada em certas “denominações pentecostais”, cujo a liturgia, em sua maioria faz uso de danças, indumentárias, e demais pretextos similares à liturgia da umbanda, não se enquadraria nos “padrões pentecostal e neopentecostal, mas, posiciona-se à margem destes. 62,8% dos

pesquisados apontaram similaridade com os rituais da umbanda e que 100% dos entrevistados não veem bases bíblicas para a fundamentação.

Assim, esta pesquisa aponta e sinaliza que há um novo movimento pentecostal que se assemelha aos cultos de matriz afro. Este fenômeno demonstra-se mais em regiões da periferia e em denominações autônomas e manifesta-se em geral em regiões mais pobres. Deste modo, a fim de melhorarmos nossa compreensão sobre o fenômeno observado, cabe aos pesquisadores da religião a continuidade desta pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Valdevino de. **Fronteiras semânticas: O dialogismo das linguagens rituais pentecostais e umbandistas - uma análise das expressões gestuais.** MG, 2018

ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim.** Arte Editorial, 2005. 160p.

AMORESE, Rubem Martins. **Excelentíssimos Senhores.** Viçosa: Editora Ultimato, 2000.

AMORESE, R. Martins. Icabode. **Da mente de Cristo à consciência moderna.** Viçosa: Editora Ultimato, 2000.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil.** Ed. Civilização Brasileira, 2007. 686p.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática.** Cultura Cristã: SP.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição, revista e ampliada. Paulus.SP.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON. Sistema de estudo bíblico original e exaustivo de Thompson. Vida: SP.

BÍBLIA SAGRADA. Versão moderna. Tradução na linguagem de hoje. SBB: SP.

BÍBLIA SAGRADA. Almeida. Revista e corrigida. SBB: SP.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos séculos.** Vida Nova: SP.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **“Fala que eu te escuto” e o Espetáculo Universal da Fé** Tese de Doutorado defendida na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2012. 171p. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7297/1/arquivototal.pdf>

CARREIRO, Gamaliel da Silva. **Evangélicos Urbanos: de pedreiro a classe média emergente – Um novo perfil sociológico dos evangélicos brasileiros.** In: XV Congresso Brasileiro de sociologia / julho de 2011, Curitiba (PR).

CAVALCANTI, R. **A Igreja, o País e o Mundo. Desafios a uma fé engajada.** Ultimato: Viçosa.

ELBEN, M. Lenz César. **História da Evangelização do Brasil. Dos Jesuítas aos Neopentecostais.**

FÁBIO, Caio. **A Igreja Evangélica e o Brasil Profecia Utopia e Realidade.** Ed.Proclama 1997

FERREIRA, Julio Andrade. **História da Igreja Presbiteriana do Brasil em comemoração ao seu primeiro centenário.** Vol.1. Casa Editora Presbiteriana, 1959.

FRESTON, Paul. **Fé Bíblica e Crise Brasileira.** Editora Abu, 1992.

GEISLER, L. Norman. **Ética Cristã: alternativas e questões contemporâneas.** Vida Nova: SP.

GONÇALVES, Fábio da Silva & OLIVEIRA, Daniel Coelho. **História da Formação e Renovação da Umbanda no Brasil: um estudo de caso no terreiro Zambi-iris.** In: VI Congresso em Desenvolvimento Social. Bocaiuva/MG, 2018

GRENZ, Stanley J. **Pós Modernismo: Um guia para entender a Filosofia do Nosso Tempo.** São Paulo: Vida Nova, 2008. 256p.

HALE, Broadus David. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento.** Hagnos: SP.

HOLLENWERTGER, Walter J. **De Azuza-Street ao fenômeno de Toronto. Raízes Históricas do Movimento Pentecostal.** .

HOLLENWERTGER, Walter J. **O pentecostalismo - história e doutrinas.**

HORTON, Stanley M. **Teologia Sistemática.** CPAD: RJ.JEREMIAS, Joachim. Teologia do Novo Testamento. Teológica: SP.

HORTON, S. Michael. **O Cristão e a Cultura. Nem separatismo, nem mundanismo.** Cultura Cristã: SP.

JARDILINO, José Rubens. **Sindicato dos Mágicos; um estudo de caso da eclesiologia neopentecostal.** Editora Cepe, 1993.

JARDIM, Tatiana. **Umbanda: História, cultura e resistência.** TCC Serviço Social – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/ess/tccs/tcc-tatiana-jardim-1>

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento.** Hagnos: SP.

MARIANO Ricardo. **Neopentecostais. Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil.** Loyola: SP, 1999. 241p.

MENDONÇA, G. Antonio. **O celeste porvir – a inserção do Protestantismo no Brasil.** São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

MENDONÇA, G. Antonio & FILHO, V. Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil.** Loyola: SP, 1990. 279Pp

MENDONÇA, G. Antonio. **Protestantes Pentecostais e Ecumênicos; o campo religioso e seus personagens.** Editora: Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, 1998. 208p.

MONTEIRO, D.T. Igrejas, seitas e agências: aspectos de um ecumenismo popular.
In:
 VALLE, E.& QUEIROZ, J.J. (orgs.). **A Cultura do Povo.** 2^a.ed. São Paulo: EDUC, 1982.

NICODEMUS, Augustus. **O que estão fazendo com a igreja.** São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

OLIVEIRA, Júnior Humberto Ramos. Entre o protestantismo e os cultos afro-brasileiros: especificidades do sincretismo das igrejas neopentecostais. **Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.** São Bernardo do Campo, SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2013.

REVISTA CURIOSAMENTE. Candomblé encontra o pentecostalismo: cultos de corpos, fé e fervores. Disponível em: <https://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/candomble-encontra-o-pentecostalismo-cultos-de-corpos-fe-e-fervores/> . consultado em julho de 2021

SANTANA, Edmilson Pereira. Pluralismo Denominacional no Brasil, o Reino de Deus e o Reino dos Homens. **Monografia de Bacharelado em Teologia apresentado ao Curso de Teologia.** Rio de Janeiro, RJ: IBE - Instituto Bíblico Ebenézer, 2004.

SOUZA, Rubiel Cardoso de. **A secularização e o sagrado: uma relação dialética com implicações na religiosidade contemporânea.** Programa de Pós-graduação em Teologia -Dissertação apresentada ao Mestrado em Teologia. Rio Grande do Sul: PUCRS, 2018.

THIESSEN, C. Henry. **Palestras em Teologia Sistemática.** IBR: SP. 2001 Neopentecostais. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 4a ed. São Paulo: Loyola, 2012.

VÍDEOS

LOPPARGA, Tata. **Como a Umbanda me encontrou?** Youtube, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCpqGMD8SXQo3q1lmezJ85Ng>. Acessado em outubro de 2021.

<https://youtu.be/kW6nKUsSAql>